

Palmeira d'Oeste *histórias e causos*

Coletânea multiautoral

Volume III

Editora Casa Ferreirinha

Hermenegildo Jose Ferreira



Palmeira d'Oeste

histórias e causos

Volume III



Hermenegildo Jose Ferreira

1ª edição: 2023

Edição: Editora Casa Ferreirinha
Diagramação: Hermenegildo Jose Ferreira
Capa: Hermenegildo Jose Ferreira
Revisão: Elaine Pomaro

Capa: da esquerda para a direita. Dona Rita; Euridice (filha de dona Rita) e dona Luzia. As crianças: Elza, Cleusa e Alvino são filhos de dona Rita

Dona Rita, era parteira e benzedeira, benzia colocando um copo d'água na cabeça da pessoa.

Dona Luzia era parteira e benzedeira, benzia as pessoas usando ramos de arruda. Tinha o hábito de visitar as casas para ensinar as crianças a rezar.

Contra capa: Dona Idalina Geraldine Vicente (esposa do fundador de Palmeira d'Oeste) em sua residência no ano de 1943.

Fotos enviadas por Yvonne Geraldine Vicente.

Editora Casa Ferreirinha



Dedico este trabalho a todos aqueles que nesta trajetória de vida enriqueceram afetivamente muitos dos meus dias. Para minha alegria, a grande maioria ainda está por aqui. Dois deles, apressadinhos, resolveram ir antes do tempo que eu julgo justo, interrompendo abruptamente nossa convivência. Duas pessoas de coração puro e bondade extrema: “Du do Seu Alex” (Eduardo Cavalini Rossi) e “Du Montoro” (Eduardo Felício Montoro).

Hermenegildo Jose Ferreira

PALMEIRA D'OESTE – HISTÓRIAS E CAUSOS

Apresentação



Hermenegildo Jose Ferreira

Neste volume III prossegue o trabalho de escrever, transcrever, editar, revisar e diagramar textos que julgo de relativa importância para a história de Palmeira d'Oeste. Prossigo no propósito de deixar registrado para quem se interessar e para as futuras gerações.

A grande maioria dos pioneiros de Palmeira d'Oeste já se foram. Poucos, ainda, permanecem aqui neste pedaço de chão do planeta Terra. Minha geração teve longa convivência com eles e quando ela for extinta o elo será perdido. Por isso a preocupação em deixar registros da história de Palmeira d'Oeste, não só no formato digital, que poderá desaparecer; mas também no formato impresso que tem chance maior de permanecer ao longo do tempo.

Neste volume III temos “O pioneirismo feminino em Palmeira d'Oeste - décadas de 40 e 50”, dos professores Anna Pereira Silva Neta Graminholi e Randerson Carlos de Souza; “Skala FM – comunitária igual não há” e parte do livro “Lembranças da minha vida – sob a sombra do meu pé de ipê amarelo”, de Esmeraldo Antonio Ribeiro.

No formato digital é disponibilizado no link <http://skalafm.org.br/biblioteca/>.

Hermenegildo Jose Ferreira

SUMÁRIO

| | |
|---|----|
| <i>Apresentação</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2022 | 05 |
| <i>O pioneirismo feminino em Palmeira d'Oeste - décadas de 40 e 50</i> Anna Pereira Silva Neta Graminholi e Randerson Carlos de Souza 2000 | 07 |
| <i>Resgatando a história</i> | 07 |
| <i>Chegam os pioneiros</i> | 08 |
| <i>O dia a dia da mulher e suas dificuldades</i> | 09 |
| <i>Educação e política</i> | 23 |
| <i>Relação familiar e participação na economia</i> | 28 |
| <i>E... Para finalizar</i> | 33 |
| <i>Skala Fm – comunitária igual não há</i> Hermenegildo Jose Ferreira 2011 | 38 |
| <i>Canal 257 FM (99,3 Mhz) – rádio comercial</i> | 38 |
| <i>Canal 290 FM (105,9 Mhz) – rádio comunitária</i> | 41 |
| <i>Lembranças da minha vida – sob a sombra do meu pé de ipê amarelo</i> Esmeraldo Antonio Ribeiro 2022 | 49 |
| <i>Relatos de uma aventura - O começo de tudo nesta região</i> | 49 |
| <i>O início do povoado e a sua evolução</i> | 50 |
| <i>A Natureza daquela época...</i> | 53 |
| <i>A primeira missa</i> | 54 |
| <i>Os cemitérios</i> | 55 |
| <i>O cinema</i> | 56 |
| <i>Machadeiro</i> | 56 |
| <i>Tragédia no campo de futebol</i> | 57 |
| <i>Mário Serra e seu revólver 38</i> | 58 |
| <i>A morte do Sebastião Alimírio</i> | 59 |
| <i>Uma pendenga</i> | 53 |
| <i>O fogaréu</i> | 60 |
| <i>Juca Valentão</i> | 61 |
| <i>A Argentina fogaosa</i> | 63 |
| <i>Donato Botta</i> | 63 |
| <i>Caçadas</i> | 64 |
| <i>Agradecimento</i> | 65 |

*O pioneirismo feminino em Palmeira d'Oeste
décadas de 40 e 50*

Anna Pereira Silva Neta Graminholi
Randerson Carlos de Souza
2000



Anna Graminholi



Randerson

Resgatando a história

É preciso mostrar um pouco da trajetória de lutas, de conquistas, de mudanças históricas com ênfase dada à mulher como participante da história de Palmeira d'Oeste.

Durante muito tempo a mulher viu-se submetida a uma única imagem, a de "mãe-esposa-dona de casa", sendo-lhe negada a oportunidade de registrar seu papel na história. Por isso, buscamos devolver-lhe uma pequena parte do que lhe foi tomado ao contarmos como foi a participação da mulher na fundação e na formação do município de Palmeira d'Oeste. Focamos o período entre os anos de 1940 e 1960.

Há de se mostrar uma "pitada" do dia a dia dessas bravas mulheres, suas dificuldades rotineiras, sua cultura, saúde, relação com a natureza e também da sua participação na educação, na economia e na política sem esquecer o aspecto social, a sua relação familiar, o namoro, o casamento, o relacionamento com vizinhos e outros assuntos.

Consultamos livros, jornais e fotos, mas o mais importante foram as conversas e entrevistas com as poucas mulheres remanescentes do grupo de pioneiras que participaram da construção da história de Palmeira d'Oeste. A narrativa dessas mulheres foi para nós de suma importância, uma vez que o município é carente de registros escritos sobre esses fatos, existindo apenas um livro de autoria de José Roveri, mas, mesmo esta fonte não traz uma história coletiva, mas sim pessoal. O livro "Onde canta o sabiá - Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão", conta a história do autor a partir de sua cidade natal e sua mudança para Palmeira d'Oeste em janeiro de 1945, mais ou menos um mês após a fundação oficial, em 13 de dezembro de 1944. O autor conta suas experiências no município até 1971, quando deixa a cidade que ajudou a construir para morar em Rondonópolis.

Na Prefeitura Municipal há poucos registros sobre a História de Palmeira d'Oeste. Existe apenas um histórico composto de duas páginas contando a visão oficial da fundação da cidade.

Na igreja católica de Palmeira d'Oeste, a primeira a ser construída no município, também não há informações. Os registros existentes, na maioria, são sobre batismos e casamentos. Datam a partir de 1959, quando foi fundada a Diocese de Jales,

a qual a Paróquia de Santa Luzia de Palmeira d'Oeste pertence.

Apesar de todos os obstáculos acreditamos e esperamos contribuir com o registro da "história de Palmeira d'Oeste".

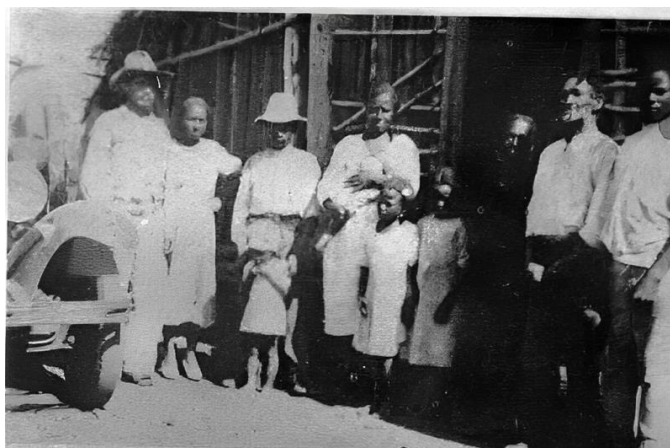
Procuramos resgatar parte da história partindo basicamente dos depoimentos de três atuantes mulheres pioneiras obtidos no ano 2000:

- **Adélia Biancarde Scarpin** - nascida em 11/04/1919 em Pindorama (SP);
- **Maria Ressude Gonçalves** - nascida em 06/05/1926 em São José do Rio Preto (SP);
- **Argentina Cardoso Borges** - nascida em 17/02/1937 na cidade de Palestina (SP).

Chegam os pioneiros

Apesar da fundação oficial datar de 13 de dezembro de 1944, o desbravamento destas terras inóspitas começou a ocorrer bem antes. A primeira família de que tivemos informação e que veio morar no Município é a do Sr. Manoel Francisco de Almeida, o popular "Manezinho Baiano", cuja esposa é a Sra. Maria Tiburtina de Jesus, personagem da qual falaremos mais adiante.

O Sr. Manezinho Baiano veio em 1930 para ser posseiro da Fazenda Palmital, propriedade de 12070 alqueires, pertencente ao Coronel Joaquim de Lima Moreira.



A família do "Manezinho Baiano" na sede da Fazenda Palmital. Manoel Victor (genro) e sua esposa, "Chiquinho Carreiro" (filho) e sua esposa, Maria Tiburtina de Jesus (esposa) e "Manezinho Baiano", Euclides (filho).

Em 1938, Joaquim Lima Moreira Filho, acompanhado de seus filhos Welson e Walter, e de seu cunhado Edílio Ridolfo, vem fazer o levantamento da herança deixada por seu pai e conta com a ajuda do agrimensor Orestes Ferreira de Toledo.

Em 1939, Thomaz Vicente compra 550 alqueires do Sr. Joaquim, reserva 100 alqueires para seu filho José Vicente Vicente e vende 50 alqueires para o Sr. Ângelo Scarpin.

André Ressude chegou em 1941 e Ângelo Scarpin no ano seguinte e, no início da década de 40, muitas famílias já residiam na região.

As famílias, ao chegarem aqui, se deparavam com uma realidade difícil e passavam a lidar com o desconhecido, com o medo, com as dificuldades e com a natureza.

“Mas nós trabalhamos, meu Deus do Céu! Que desespero no meio desse mato! Você, à noite, se estava fechado dentro daqueles ranchos, escutava as onças miarem”. (Relato de Adélia Biancarde Scarpin, em 18/07/2000)



2001 - Adélia Biancarde Scarpin e seu marido José.

Muitos vieram para a região para cuidar de propriedades da família, outros como posseiros e outros, ainda, como empregados, mas a maioria dessas pessoas partilhou dos mesmos sofrimentos e dificuldades, principalmente para a mulher que acumulava várias funções, tais como ser dona de casa, mãe, lavradora, rezadeira e professora, entre outras.

As casas, no princípio, eram básicas e iguais, de pau a pique e cobertas de sapé. As portas eram constituídas de varões encaixados na base e na parte superior e fechadas com paus ou tábuas colocados um ao lado do outro.

Na década de 40 já havia algumas casas de madeira e a partir de 1950 surgiram as casas de tijolos, inclusive casas comerciais. Os móveis não eram muitos, sendo apenas o fogão a lenha e a lamparina. Rádio só havia um, que era o de José Vicente Vicente.

O dia a dia da mulher e suas dificuldades

Para a mulher que veio especificamente para a zona rural, o dia começava com os primeiros raios do sol. A primeira tarefa era "pegar" água. Onde não havia poço, ela era buscada no córrego com uma lata, depois era fazer o almoço e, em primeiro lugar, cozinhar o feijão. O almoço tinha que ser levado na roça, onde estavam os homens e as mulheres trabalhando, um momento de perigo e sacrifício às mulheres que seguiam sozinhas pelos carregadores até o destino para entregarem a comida.

“... quando você ia para a roça levar comida, até sapo corria atrás da gente, cada sapo que era assim, enorme! Dava um medo, parecia uma galinha

choca, e a gente tinha que ir, tinha que enfrentar... Nós tínhamos medo de levar comida para os homens que trabalhavam na roça. Nós tínhamos medo de onça. Aquele tamanduá bandeira, tinha cada bitelão!" (Adélia Biancarde Scarpin)

Às vezes as mulheres ficavam na roça para ajudar, outras vezes iam realizar outras tarefas domésticas como lavar roupa no córrego e socar café em coco para, depois, ainda torrar e moer no pilão. Também socavam o arroz no pilão e fabricavam produtos caseiros, como a farinha de mandioca.

Nos primeiros anos em que estas terras passaram a ser habitadas o serviço da mulher era basicamente dois: cuidar da casa e ir à roça, mas no serviço de casa os filhos e os irmãos ajudavam a cuidar dos animais domésticos e costuravam, além de outras tarefas.

"Eu tinha uma irmã que era mais que um homem na roça. Ela trabalhava mais que qualquer homem, meu pai assim falava. Fazia todos os serviços. Fazia almoço cedinho a Anna, arrumava tudo e ainda ia para a roça. Voltava à tarde, fazia a janta, e não me lembro em que dia ela lavava a roupa, porque limpava a casa nos sábados e nos domingos... Eu tinha uma irmã que matava porco sozinha, cuidava de um porco enorme. Ela, hoje, mora em São Paulo, mais nova que eu, costurava toda a roupa de casa." (Relato de Maria Ressude Gonçalves em 18/07/00)



2003 - Maria Ressude Gonçalves (Dona Mariquinha) e seu marido Braulino Martins Gonçalves (Seu Bráz).

As dificuldades enfrentadas pelas primeiras famílias a se estabelecerem na região eram muitas.

A senhora Adélia Scarpin chegou à região em 1942. A família veio cuidar da propriedade que seu sogro havia adquirido na região. Segundo a mesma, as dificuldades eram muitas e o sofrimento também. Entre as dificuldades estava o transporte precário, pois não haviam estradas. Era através de picadas no meio do mato que ocorria a locomoção e, na maioria das vezes, o meio de transporte utilizado era o cavalo. As dificuldades no transporte também são mencionadas por outras mulheres pioneiras.

"Abrimos a estrada a facão." (Relato de Edith Ridolfo ao Projeto Memória, do Jornal de Jales de 1998)



1942 - Jocelyn de Lima Moreira e sua esposa. Dona Edith de Lima Moreira e esposo Edílio Ridolfo.

Outra dificuldade mencionada pela senhora Adélia ocorreu quando se mudaram para o município porque a propriedade não era cercada e o gado ficava solto no mato. Era cercada apenas a roça, que era de subsistência, até a formação da propriedade. Desta forma, só tinham leite para alimentação quando o gado aparecia. Outras criações, como a de porcos, foram devoradas pelas onças.

A falta de mercadorias básicas também fazia parte do dia a dia das famílias pioneiras, principalmente das mulheres que, às vezes, tinham que se dedicar, além do serviço doméstico e do serviço da roça, à fabricação de alguns produtos básicos para a época.

“Por causa da chuva nós ficamos sem açúcar, sem gordura e sem sabão para lavarmos a roupa. Nós ficamos sem café, nós ficamos sem nada... O meu marido saía aqui do Córrego da Laranjeira e, com o pai dele, iam em Pereira Barreto a pé. Eles iam buscar açúcar, tempero, essas coisas que precisávamos. Os porcos que vieram na mudança as onças comeram todos... Aí, então, eles matavam veado, tatu, cateto para nós fazermos sabão. Nós não tínhamos soda. A soda tirávamos de quada do mato, da tal Maria Pobre... Queimava aquilo, tirava a cinza. Nós fazíamos o balileiro de cinza, tirávamos da quada e nós cozinhávamos o bicho, a poder. Daquela água que caía, daquela cinza, até nós conseguirmos tirar o tacho de sabão. Aí é que nós aprendemos a fazer isso, então ficamos felizes.” (Adélia Biancarde Scarpin)

“Não tinha arroz, era feijão com caruncho, guarirova do mato, carne de bicho do mato. Meu pai comia. Meu pai não ficava sem verdura... Ele comia carirú, berduéga, fazia aquelas baciadas de verdura.” (Maria Ressude Gonçalves)

A natureza sempre mostrava duas faces antagônicas: medo e alegria,

ameaça e diversão, sobrevivência e morte. As onças devoravam os animais domésticos, rondavam as casas dos pioneiros trazendo perigo, revirando o quintal:

"Você, à noite, se estava fechado dentro daqueles ranchos, escutava as onças miarem, aquelas onças que davam miaçona. Se você deixasse uma bacia com roupa do lado de fora do rancho, de manhã cedo elas tinham revirado tudo, pisado naquilo tudo. Vinha bicho a procura de coisa para comer." (Maria Ressude Gonçalves)

Outros animais que causavam medo principalmente nas mulheres que iam levar almoço na roça, como já foi dito anteriormente, eram o tamanduá-bandeira e o sapo-boi.

Os insetos também eram causas de preocupação e perturbação, como nos relata a senhora Maria Ressude Gonçalves em dois momentos distintos. O primeiro logo que a família mudou para a região, em 1941.

"Meu pai e meus irmãos saíam para a roça. Meu tio Salvador também. Eles saíam para a roça cedinho para derrubar a mata, para plantar, para formar o cafezal. Eles saíam cedinho. Quando eles chegavam a tarde as camisas deles pareciam uma salmoura e atrás, seguindo eles, um monte de vareja. As camisas cheias daquelas moscas varejeiras e camisas duras do sal que eles suavam, deveria ter muita imundície nas matas... Mosquitos. Precisava ver o jeito que eles voltavam." (Maria Ressude Gonçalves)

O segundo relato conta um episódio ocorrido quando já era casada e residia em Auriflama, mas visitava constantemente a família em Palmeira d'Oeste, para onde retornou novamente no final da década de 40, mas para morar na Vila de Palmeira d'Oeste.

"Nós viemos com uma égua. Não tinha tanto animal. Precisava pousar na beira da estrada, nas casas cheias de percevejos, cheias de chupanças. Uma noite nós escutamos um barulhinho naquela parede forrada de papel, aí o Braz ascendeu o farolete, era chupança, todas debaixo do papel." (Maria Ressude Gonçalves)

As picadas dos insetos traziam o medo de doenças transmitidas pelos mesmos.

Apesar dos riscos trazidos pela natureza, era ela também quem dava as alegrias, principalmente às crianças:

"Quando chovia os veadinhos vinham se esconder debaixo da mesa, então aquilo, para as crianças, era uma festa e eles pegavam. A alegria deles era pegar o veadinho novo e prender na corda." (Maria Ressude Gonçalves)

Mas não era só diversão a utilidade da natureza. As mulheres usavam para fazer sabão os animais mortos pelos homens e as cinzas de uma árvore era a

substituta da soda e também, a partir de elementos da natureza, fabricavam outros itens como a vela e o tamanco.

"Tamanco se fazia com uma sola de pau dessa paineira do mato e colocava o couro de cateto em cima, era um tamanco... Para fazer vela eles iam no mato e tiravam favo de abelha pois tinha muita abelha europa naquele tempo. Então eles pegavam, cortavam um bambu, pois tinham muitos ali. Se vê que é muito antigo, então cortavam, desmanchavam aquela cera e enchiam aquele canudo de bambu com um barbante no meio. Quando esfriasse, partiam o gomo de bambu e tiravam a vela." (Adélia Biancarde Scarpin)

Os banhos eram tomados em bacias grandes, isto quando se tinha bacia.

"Tomava banho, sabonete graças a Deus nunca faltou. Tomava um banho, tomava sem bacia. Nem bacia para tomar banho tinha, porque nós viemos e não trouxemos muita mercadoria. Era longe e nós ficamos três dias viajando de Pindorama até chegar aqui." (Adélia Biancarde Scarpin)

O chuveiro acionado a cordinha só aparecerá mais tarde na região, mas primeiramente na cidade.

"Não tinha chuveiro. Era aquele negócio de puxar a cordinha." (Maria Ressude Gonçalves)

O vestuário era basicamente igual para todos os pioneiros, predominava a simplicidade e a moral. Para as mulheres vestidos longos, tamancos (muitas vezes fabricados em casa) e chapéu de palha.

"Era um tamanco... E vestido era riscado, chapéu na cabeça, um vestidoão." (Adélia Biancarde Scarpin)

"Não tinha nada de moda." (Maria Ressude Gonçalves)

"A roupa era sempre comprida. As mulheres, principalmente, não usavam vestido curto." (relato de Argentina Cardoso Borges em 10/10/2000)



1987 – Argentina Cardoso Borges e seu marido Levino Balthazar Borges.

Os homens também seguiam a regra e se vestiam com simplicidade, com algumas poucas exceções. Alguns poucos homens usavam o paletó, terno inexistia.

“Os homens usavam aquelas calções de boca... De boca larga, que usavam naquela época, as mesmas camisas. Paletó, essas coisas, não! Era muito difícil.” (Argentina Cardoso Borges)

“A comadre Idalina e o finado Zé Vicente... Ela passava um terno de linho todo dia com um ferro de brasa.” (Maria Ressude Gonçalves)

Para a vaidade quase não existia espaço. Num sertão ainda bravio não tinha muito sentido, não era a principal preocupação, havia muito a se fazer, mas, às vezes, abria-se uma pequena brecha, apesar de tais atitudes serem mais relacionados à higiene do que à vaidade. Vejamos o que cada mulher respondeu, quando indagada a respeito da vaidade:

“Era assim: passava um pente no cabelo, tomava um banho, sabonete graças a Deus nunca faltou.” (Adélia Biancarde Scarpin)

“A Maria Elisa era professora em Palmeira. Era tão simples; não tinha nada de vaidade, anormal.” (Maria Ressude Gonçalves)

“Era roupa simples, tudo simples, não era roupa “chic”, não.” (Argentina Cardoso Borges)

Naquele tempo as compras de alimentos, roupas e calçados eram feitas em cidades maiores e mais desenvolvidas, como Pereira Barreto e, mais tarde, Jales. Apesar de hoje Jales ser uma cidade mais desenvolvida, nasceu praticamente na mesma época e no mesmo contexto sociopolítico e econômico, inclusive alguns pioneiros de Palmeira d'Oeste conheceram Jales ainda bem pequena.

“Quando nós viemos aqui de mudança Jales tinha três casas. Tinha... Não sei se você viu falar de um “tal” de Cascatinha de Jales, era

uma pensãozinha. Tinha uma pensão, tinha uma farmácia. Você já ouviu falar do Renato que era farmacêutico aqui antigamente, a farmácia do Renato antes era em Jales e tinha mais uma casinha, mas o que se achava naquela barraquinha? Se achava fumo, cigarro e pinga, porque outras coisas não tinha.” (Adélia Biancarde Scarpin)

Jales desenvolveu-se rápido e logo passou a ser ponto de referência para compras de roupas, calçados e alimentos.

Em 1944 surgiu a primeira "venda" em Palmeira d'Oeste, onde muitos passaram a comprar. Os que moravam nos sítios e fazendas, transportavam suas compras a cavalo ou em outros veículos de tração animal, como carroça, charrete e carro de boi. A primeira venda pertenceu ao senhor Nelson Simão.

No início do povoamento de Palmeira d'Oeste, junto com os primeiros habitantes, veio a fé em Deus e a fé na religião Católica.

A religião Católica Apostólica Romana esteve presente desde o começo, não só como estrutura física, mas no espírito e na fé dos aventureiros que vieram para a região. A igreja de Santa Luzia foi a primeira a ser construída em Palmeira d'Oeste e foi em volta dela que muita gente acredita que a cidade surgiu e cresceu. O movimento devido à realização dos terços induziu o surgimento do comércio.

É devido a sua importância para o crescimento da cidade que irá surgir controvérsia sobre a sua construção e a escolha da padroeira.

A primeira igreja foi construída nas terras de José Vicente. Na realidade as terras ainda pertenciam a seu pai, mas quando Thomáz Vicente doou-as para a fundação do Patrimônio ele as deixou sobre a administração de seu filho mais velho, José Vicente.

Apesar de estar nas terras de Thomáz Vicente, segundo o depoimento da senhora Adélia Scarpin, foi a família Scarpin quem construiu a primeira igreja, ainda coberta de folhas, na primeira metade da década de 40.

"Aqui em Palmeira os que abriram o largo da igreja para fazerem uma capelinha coberta de folhas foram os Scarpin. Foi o meu marido e mais três irmãos dele. Depois, como se diz, a gente vinha todos os domingos. Vinha rezar e trazia as crianças, mas então foi correndo a notícia de que o Zé Vicente havia dado o terreno para fazer o patrimônio, a vila! Mas não tinha nada, era só mato.” (Adélia Biancarde Scarpin)

A senhora Argentina Cardoso Borges veio para o município em 1946, quando tinha dez anos. A família havia comprado um sítio na região e comprou um lote na cidade onde construíram uma casa para ali morarem. Esta senhora conta uma outra versão, mas temos que levar em conta que quando ela se mudou para a região a igreja já estava pronta.

“Seu Francisco de Almeida, apelidado por Carreiro... Ele, o Zé Vicente, João Siqueira, esse povo que morava aqui naquele tempo... Foi feito. Quando nós chegamos aqui a igreja era de folha de coqueiro.” (Argentina Cardoso Borges)

Em relação à padroeira da cidade, também existe divergência de informações. A única informação concreta é que, desde o começo, foi e é até hoje Santa Luzia e que o primeiro terço rezado na capelinha foi no dia 13 de dezembro de 1944 pela Dona Maria Tiburtina de Jesus.

A divergência na questão da padroeira é em relação à sua escolha. A versão oficial é que foi José Vicente quem escolheu a padroeira, marcando a fundação da cidade para o dia da santa.

“Ao ver o mapa o Zé Vicente ficou exultante. Intempestivo como era, ele disse ao Orestes:

- Já posso marcar o dia para fundação do patrimônio?

Respondeu-lhe Orestes:

- Desde que não seja nas vésperas do Natal, escolha o dia que bem entender.

Decidiu o Zé Vicente:

- Então está escolhido. Será no dia 13 de dezembro, que é dia da santa de minha devoção: Santa Luzia.” (Narrativa de Edílio Ridolfo ao Jornal Folha d'Oeste em 01/05/1980)

A versão oficial também é contada no depoimento da senhora Argentina Cardoso Borges, mas dá outros motivos para a escolha da padroeira e não a devoção pessoal de José Vicente, mas uma homenagem à duas mulheres.

“A padroeira da cidade foi escolhida pelo Zé Vicente pois ele tinha a mãe dele que se chamava Luzia. Tinha uma outra mulher assim... Muito prestativa, então ficava um doente e ela ia lá prestar serviço. Ela era... Tinha o marido dela, chamado Domingos. Eram só os dois, mas ela era prestativa demais. Então ele falou em função da minha mãe e da Dona Luzia, a padroeira daqui será Santa Luzia, então foi ele que deu o nome mesmo, o Zé Vicente.” (Argentina Cardoso Borges)

Mas para a escolha da padroeira existia uma outra versão, menos conhecida, mas não menos importante. Segundo esta versão não foi José Vicente quem escolheu a padroeira da cidade, mas sim um grupo de mulheres, inclusive do qual sua mulher Idalina fazia parte.

“Nós fizemos uma reunião. Eu, duas cunhadas minha e a mulher do Zé Vicente (hoje ele é falecido) e cada uma deu um palpite. Que santa nós vamos por na nossa capela? Cada uma dava um palpite. Aí o palpite foi para Santa Luzia. Foi para Santa Luzia que nós rezamos o terço no dia 13 de dezembro, então vamos por este nome, vamos batizar o largo da igreja daqui de Santa Luzia, e Santa Luzia ficou...” (Adélia Biancarde Scarpin)

Como já foi dito, o único ponto onde todas as versões são iguais, ou seja, entram em consenso, é que o terço foi rezado no dia 13 de dezembro, dia de Santa

Luzia e que foi Dona Maria Tiburtina de Jesus quem o rezou ou, como dizem na linguagem popular, "puxou o terço". Dona Maria fazia parte da primeira família que veio para a região em 1930 para ser posseira do Coronel Joaquim de Lima Moreira e morar na antiga sede da fazenda Palmital. Ela era a esposa do senhor Manoel de Almeida, conhecido como "Manezinho Baiano", e mãe de Francisco de Almeida, o "Chiquinho Carreiro." Seu nome é citado na versão oficial da história de Palmeira d'Oeste e na história oral contada pela população local.

"A primeira rezadeira aqui de Palmeira foi a mãe do senhor Chiquinho Carreiro. Foi ela que nós chamamos para ajudar a rezar o primeiro terço." (Adélia Biancarde Scarpin)

A senhora Maria Turbina também é mencionada no livro de José Roveri onde ele conta sobre o período em que morou em Palmeira d'Oeste.

"Domingo, dia de missa lá em cima, na capelinha... Rezada pela mãe do Chiquinho Preto, onde o povo ia orar." (relato de José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão", Editora São Francisco Gráfica e Editora Ltda — Ribeirão Preto — SP 1996)

Neste trecho ela é mencionada como a mãe de Chiquinho Preto, que é justamente o Chiquinho Carreiro.

José Roveri menciona que ela rezava a missa, o que é incorreto, pois naquela época a missa só era celebrada por padres e Palmeira d'Oeste não contava com um. A senhora Maria Tiburtina pode se dizer que ocupava uma posição de destaque, apesar de ser mulher, negra e pobre, era a responsável pela espiritualidade dos moradores da região através de suas orações e terços realizados na igreja.

A igreja era uma construção rústica, um cercado de pau a pique coberto de folhas de coqueiro e o altar era feito com tocos.

"Fizeram a capelinha de folhas de coqueiro e a gente rezava. O altar nosso eram três tocos, era um maior e dois menores." (Adélia Biancarde Scarpin)

Os terços eram rezados aos domingos e as pessoas dos sítios vinham rezá-lo a cada oito dias, mas era difícil para elas virem, pois não haviam estradas; eram somente picadas no meio do mato, por isso vinham a pé, a cavalo, ou em carro de boi, como nos conta o depoimento a seguir.

"Nós morávamos há quatro quilômetros daqui, ali no Córrego da Laranjeira... Nós começamos rezando o primeiro terço no dia de Santa Luzia. Então a gente continuou. Às vezes não dava para virmos de oito em oito dias porque não tínhamos condição, tínhamos de vir a pé, era picadão no meio do mato. A gente vinha carregando crianças. A gente vinha a cada oito ou a cada quinze dias rezar o terço para Santa Luzia." (Adélia Biancarde Scarpin)

Além do transporte e da distância havia outra dificuldade para as pessoas que vinham rezar na capelinha, as crianças, que não podiam ficar sem alimentação.

"Então quando nós vínhamos rezar o terço aqui a gente trazia até o almoço. Fazia o almoço em casa, punha na marmitta e trazia. Nós vínhamos com as crianças andando por quatro quilômetros, cinco quilômetros, sabe? Criança quer comer, não tinha uma venda, não tinha uma padaria, não tinha nada, então a gente tinha que fazer o almoço em casa e trazer com a gente para quando as crianças quisessem comer tínhamos o que dar para eles comerem." (Adélia Biancarde Scarpin)

Conforme a notícia sobre a igreja se espalhava mais pessoas apareciam para as orações e, como era difícil chegarem até ela, muitos passavam o dia no largo da igreja, onde cozinhavam e dormiam.

Em época de festa religiosa chegavam a ficar dois ou três dias no local, então começaram a fazer os leilões para arrecadarem dinheiro para construírem a nova igreja e também a escola.

"Foi aí que o povo começou a conhecer e a saber que tinha gente fazendo esta capelinha, rezando. Aí o povo começou a vir. De muito longe vinha gente a cavalo, vinha com carro de boi e o colocava naquele largo que eles tinham feito. Eles cozinhavam, eles dormiam, ficavam aí dois, três dias e nós fazíamos leilões para quatorze, quinze, vinte pessoas. Fazia leilão, fazia bolo, a gente matava leitoa, naquele tempo tinha." (Adélia Biancarde Scarpin)

Com o aumento do movimento começou a surgir nas proximidades da igreja novas construções principalmente voltadas para o comércio.

"Mas foi aumentando, sabe? Começou a vir uma família, começou a vir outra. Depois de um par de anos veio uma venda. Um rapaz abriu uma vendinha, aí veio um senhor e abriu uma lojinha, um "tal" de João Penteado." (Adélia Biancarde Scarpin)

A primeira missa em Palmeira d'Oeste foi celebrada pelos padres capuchinhos de Pereira Barreto, ainda na capela de pau a pique.

Para construir a nova igreja e também a escola primária foram realizados diversos leilões com uma variedade de prendas, que podiam ser gado, leitoa e assados, dentre outras.

Dos leilões participavam praticamente todos os membros da comunidade local. Eram pessoas da vila que estava se formando e pessoas dos sítios e das fazendas que trabalhavam na arrecadação, no preparo, na organização e na realização dos leilões. As mulheres participavam em duas fases: na arrecadação, principalmente, e no preparo das prendas.

"Para fazer o leilão as mulheres é que arrumavam os frangos. Pediam, iam nos sítios a cavalo buscar frangos. Então quero dizer que a mulher ajudou muito nesta parte com

trabalho... Os moradores da vilinha, das fazendas de volta e o povo da cidade se reuniram e começaram a fazer leilões. Cada um trazia uma coisa. Naquele tempo tinham muito, traziam leitões, frangos e fazíamos os leilões. O primeiro leilão foi debaixo de uma árvore. Primeiro foi feita a escolinha, depois é que foi feita a capela, mas tudo colaborado.” (Argentina Cardoso Borges)



1984 – Argentina Cardoso Borges.

Depois dos leilões, com as arrecadações, construíram o coreto na praça, a escolinha e a igreja com a participação de várias pessoas, numa espécie de mutirão. A igreja e a escola foram levantadas no ano de 1948 e, para inaugurá-las, veio um padre de Votuporanga para celebrar a missa. Também foi em mutirão que furaram o poço ao lado da igreja para suprir a falta de água potável na época.

A religião também era praticada em casa e fazia parte do cotidiano dos pioneiros. As orações em casa eram comandadas pelas mulheres e usavam basicamente três símbolos: as imagens, as velas e as flores.

“Em casa, nós tínhamos nossos quadros santos. Tinha um quadro... Tirava a vela, flor nós tínhamos no mato à vontade, porque mato dá muita flor. Quando nós não rezávamos o terço aqui na capelinha, nós rezávamos em casa.” (Maria Ressude Gonçalves)

As diversões eram poucas no período. No início da década de 40 não havia campo de futebol e nos sítios os vizinhos eram longe. A diversão era rara. Resumia-se em ir ao terço e aos leilões na igreja. Uma vez ou outra ocorriam festas religiosas. Os bailes eram longe e quem se arriscava a ir tinha que enfrentar, à noite, as picadas no meio das matas. Muitos pais não deixavam suas filhas irem para os bailes, então algumas saíam escondidas, correndo perigos.

“Tinha uns bailinhos em Marinópolis, não sei se era Marinópolis ou se era uma fazenda. As minhas irmãs saíam escondidas do meu pai, iam pelo meio do mato. Meu pai não deixava, mas elas pegavam um picadão, olha o perigo! Depois que eu me casei, já fazia uns três anos, seis anos, já estavam mocinhas e se quisessem se divertir tinham

que enfrentar um matagal, uma mata, um picadão, e nos outros lugares, sei lá aonde elas iam, eu nunca fui, que eram os bailes que tinha.” (Maria Ressude Gonçalves)

No final da década de 40 construiu-se o campo de futebol. Enquanto os homens arrancavam os tocos, as mulheres cozinhavam para alimentá-los. Com o campo surgiu um novo divertimento, assistir ou jogar futebol. Outra diversão era o jogo de baralho e as visitas aos vizinhos. Para os que moravam na vila havia mais uma diversão, que era ir à casa do senhor José Vicente escutar rádio, já que ele era o único a ter um na região. Mas para os que moravam nos sítios e fazendas distantes da vila eram mais difíceis as diversões, então o jeito era divertir-se em família, como faziam os Scarpin liderados pela senhora Adélia.

“Nossa diversão era em família, às vezes... Às vezes... Eu tinha um cavaco, você sabe o que é um cavaco? Eu tocava cavaco e nós brincávamos, cantávamos entre cunhadas, sobrinhos, só em família. Aprontava aquela arruaça entre nós. Também, se acabasse, calava, não tinha mais nada.” (Adélia Biancarde Scarpin)

A fuga das filhas de André Ressude para ir aos bailes pode ser vista como forma de enfrentamento ao machismo da época. Elas passavam por cima da autoridade masculina para buscarem alguns momentos de distração numa época em que a vida foi muito difícil.

A atividade da senhora Adélia Scarpin demonstra como as mulheres eram importantes para manter o ânimo dos desbravadores.

A saúde foi algo bastante sério na década de 40, principalmente na sua primeira metade. Os pioneiros tinham que contar com a sorte para não adoecerem, pois o transporte era difícil e não havia recursos na Vila de Palmeira d'Oeste.

As doenças mais simples e comuns, como gripe, inflamação de garganta e resfriado eram curadas em casa pelos chás caseiros que as mães ou esposas faziam de plantas do mato. Em caso de doenças mais graves, era necessário procurar um médico. Os que podiam e tinham recursos levavam seus doentes para Pereira Barreto, Estrela d'Oeste ou procuravam um médico em Jales, mas, mesmo assim, era difícil. Os que não tinham recursos para transportarem os seus doentes tratavam em casa com remédios caseiros e tinham que contar com a sorte, no entanto, muitas vezes, a fatalidade era inevitável e a mulher era uma das grandes vítimas, juntamente com seus filhos recém-nascidos ou ainda nem nascidos.

“Nós tínhamos um médico em Jales que meu pai buscava quando precisava, o doutor Arnaldo. Ele já morreu faz muito tempo. Buscava-o lá. Uma vez minha cunhada teve uma criança e a menina era muito grande... Até buscarem o doutor e o trazerem (não sei do que vinha, nós íamos muito de carrinho, de cavalo, de charrete... Para Jales...) Até buscarem o doutor, quando chegaram a menina já tinha nascido, mas nasceu morta. Uma baita de uma menina. Passou do tempo de nascer. Vichi! Aconteceram muitas coisas tristes aqui por falta de recursos.” (Maria Ressude Gonçalves)

Com a chegada do jovem farmacêutico José Rovéri à Vila de Palmeira d'Oeste em 1945 surgiram novas esperanças à população local, pois consigo ele trazia remédios e conhecimentos. Isto acabava, às vezes, fazendo com que as pessoas vissem no farmacêutico a figura de um médico.

Além de medicar na farmácia e nas casas, José Rovéri era obrigado até a diagnosticar doenças e realizar partos, principalmente os mais difíceis, ou seja, aqueles em que as parteiras locais enfrentavam dificuldades.

“A mulher muito magra facilitava em parte o meu trabalho, mas era um parto que teria de ser feito por médico da categoria do Dr. Canabrava e não por um boticário de província... Depois de cinco horas de árdua tarefa, consegui recolocar a criança na posição correta, salvar a parturiente e a criança.” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”)

É necessário lembrar que todos os partos, na época, eram normais.

Apesar da presença do farmacêutico, isto não significou que todas as mulheres e crianças estariam livres da morte, dos problemas do parto, e também não significava que ninguém mais morreria de doença na região. Em caso de urgência era na farmácia que as pessoas corriam em busca de socorro, mas nem sempre corria tudo certo.

“Tinha um farmacêutico, o José Roveri, então todo mundo corria na farmácia dele, era só lá. Parto tinha parteira, quando não tinha era ele mesmo que ia. Era só isso mesmo, não tinha outra coisa não. Se tivesse que morrer, morria mesmo... Mas naquela época morreu muita mulher de parto aqui. Inclusive minha irmã morreu também, porque ia ele lá, mas se acha que um farmacêutico novinho ia dar conta do parto? O que mais morreu naquela época foi mulher de parto.” (Argentina Cardoso Borges)

O primeiro médico da cidade só chegou em 1955. Era o Doutor Paulo Costa e até então a situação em relação a saúde era a mesma.

As mulheres grávidas trabalhavam da mesma forma. Realizavam os serviços da casa e ainda ajudavam na roça até os últimos momentos.

“Minha mãe diz que teve um neném na roça... Trabalhava até nos últimos dias! Mulher nunca se resguardou.” (Maria Ressude Gonçalves)

No começo do povoamento da região, da década de 30 e nos primeiros anos da década de 40, era difícil até para morrer. Não havia cemitério e os defuntos eram enterrados nos quintais, debaixo das árvores ou nos cemitérios particulares nas fazendas.

“Olha, na fazenda do meu pai tinha um cemitérinho lá. Lá foi enterrado meu avô, pai do meu pai... Nosso cemitério.” (Maria Ressude Gonçalves)

As pessoas que não tinham local próprio para fazerem seu cemitério tinham duas opções: ou procuravam um cemitério onde pudessem enterrar seus mortos ou enterrá-los próximos à moradia, no quintal.

“Tinha gente que fazia um buraco debaixo de uma árvore e colocava a pessoa, o defunto, debaixo de uma árvore, solto. Tinha um cemitério muito longe daqui, acho que uns quinze, vinte quilômetros, tinha três sepulturas... Até tinha um casal de gente preta, morava ali para baixo, pelos lados da Cacique, e morreu um netinho deles e eles enterraram no quintal, não tinha cemitério.” (Adélia Biancarde Scarpin)

Não se usava caixão para enterrar os mortos. A maioria era enterrada envolvida em um lençol. O uso de caixão só iria se difundir mais tarde, no final dos anos 40.

“Colocavam num lençol e eles punham um pau, assim, enfiado. Não sei se você já viu. Como chama aquilo? Bambu... Bambu... Bambuê, acho que é bambuê. Então eles pegavam em dois no bambu, um adiante e outro atrás, iam carregando, eles iam gritando pelas estradas: “as armas, meu povo”. Onde tinha alguém que morava por aí, que escutava, saía na estrada... Saía na estrada, então acompanhavam, ajudavam a carregar, mas as vezes ia um morto, um defunto com quatro, cinco pessoas só, mas iam levando. Não sei para onde que eles iam com aquilo, acho que eles iam para muito longe.” (Adélia Biancarde Scarpin)

No final dos anos 40 foi construído o cemitério, então se passou a enterrar todos os mortos da região, num mesmo lugar. Os velórios eram nas casas e, se acaso, elas fossem pequenas demais, o corpo era velado na igreja. Naquela época Palmeira d'Oeste já possuía muitos moradores e os velórios eram bastante movimentados. Costumavam-se servir lanches e bebidas, como café, chá e aguardente.

“O velório era nas casas. Tinha velório e o povo ia, muita gente mesmo ia. O cemitério de agora foi feito porque quando morreram os primeiros... Não tinha cemitério. Depois juntou meu pai com mais outras pessoas e fizeram lá o cemitério onde é realmente agora, aí então começaram a enterrar lá mesmo, mas o velório era assim: faziam coisas para comer a noite, bebida, tudo isto tinha no velório.” (Argentina Cardoso Borges)



1984 – Argentina Cardoso Borges e sua mãe Minervina Bárbara Cardoso na inauguração da Praça Liovergilio Francisco Cardoso.

Educação e política

A educação não é algo pronto e acabado, não tem começo, meio e fim. Estamos nos educando constantemente. Estamos sempre aprendendo. A nossa educação começa em casa, antes mesmo de andarmos e falarmos, antes de irmos para escola, e no período abordado por este trabalho não era diferente, principalmente pelo fato de não haver escolas até o ano de 1948, quando foi construída a primeira escola primária com dinheiro de leilões e com a ajuda de muitas pessoas da comunidade.

Em casa cada um ensinava o que sabia, tanto a mãe quanto o pai participavam da educação voltada sempre mais para o trabalho; para as meninas, os cuidados de casa e artesanato; para os meninos eram mais os serviços da roça. Alguns poucos pais que sabiam ler e escrever procuravam ensinar os filhos, mas o que era mais ensinado mesmo era o serviço.

“Graças a Deus! Então ensinei minhas meninas todas a tomar conta de uma casa. Hoje são donas de casa e tem duas que são costureiras.” (Adélia Biancarde Scarpin)

Na educação caseira a mãe era a que mais ensinava, pois era quem mais convivia com as crianças. Os pais eram mais disciplinadores do que professores.

“Na minha casa o Bráz saía cedo e falava: se eles fizerem arte você me conta e quando ele chegava à tarde surrava todos os que haviam feito arte. Meu pai também era muito enérgico, “vichi”, nós tínhamos muito medo do meu pai. Na minha família os pais educavam muito.” (Maria Ressude Gonçalves)

Dentre os principais e primeiros ensinamentos estava a religião. Era ensinar a rezar e ir à igreja.

“Antes da escola tinha a igrejinha. Era ensinar a rezar porque eles não tinham condições de ensinar, assim, educação era só mesmo religião, religião e sempre.” (Argentina Cardoso Borges)

Este tipo de educação era igual a que existia no século passado.

Em junho de 1948 foi construída a escola, a segunda construção de tijolos da

cidade. A partir daí iniciou-se a educação formal na Vila de Palmeira d'Oeste. As primeiras professoras que vieram não eram efetivas. Dona Diná, Dona Aparecida e Dona Helena ficaram por pouco tempo até a chegada das professoras efetivas. Depois de um ano veio finalmente a professora Maria Eliza de Mendonça.

Todas as professoras e os poucos professores que trabalharam na escola vieram de outras cidades. Elas eram a maioria, no geral solteiras e ficavam em casa de famílias e acabavam criando vínculos familiares na cidade.

“A professora que veio não era formada. Era Dona Diná Moreira e morava no sítio onde está hoje o matadouro de gado. Depois de um ano veio a Dona Maria Eliza Vicente Vicente. Ela veio e era solteira. Veio de Monte Aprazível e ficou hospedada na casa do Zé Vicente. Ele tinha um irmão, o Orlando Vicente, e aí foi que ela se casou com o Orlando Vicente. A primeira professora efetiva foi a Maria Eliza Vicente Mendonça.” (Argentina Cardoso Borges)

Também acontecia de professores mudarem para Palmeira d'Oeste com a família.

“Nos seus oito anos de idade meu filho José Carlos tinha como professora a Dona Vanda, esposa de um moço também professor, vindos com a família da cidade de Araraquara porque foram transferidos para Palmeira d'Oeste.” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”)

A educação estava, basicamente, nas mãos femininas. Em casa as mães eram as responsáveis pela educação e na escola as primeiras pessoas a trabalharem com as crianças eram as mulheres e, mesmo com o surgimento de professores homens, elas continuaram predominando. A contribuição da mulher para educação foi muito grande. Vejamos o que uma antiga moradora respondeu quando indagamos sobre a contribuição da mulher para a educação.

“Aqui contribuiu porque a maior parte que trabalhava assim nessas coisas era mulher, o homem era mais difícil.” (Argentina Cardoso Borges)

Para os moradores dos sítios e fazendas ainda era difícil proporcionar o ensino formal aos filhos devido às distâncias e em alguns casos à falta de transporte e estradas. Só bem mais tarde, quando surgiram as escolas rurais, esta barreira será transposta, mas alguns pais para poderem educar os filhos mudaram completamente sua rotina.

“Ele falou: olha, nós vamos trabalhar aqui no sítio até chegar a hora dos filhos irem para a escola. Na hora que os filhos começarem... Todos eles, ter a hora, a idade de ir para a escola, nós vamos para a cidade, vamos para a vila. Na vila aqui eu tinha uma casa de tábuas, um casão branco, de tábuas. Quando chegou a hora nós viemos morar na vila, só que ele trabalhava no sítio e eu ficava aqui na cidade, eu costurava, meu serviço era costurar e ele trabalhava no sítio, e eu punha as crianças na escola.” (Adélia Biancarde Scarpin)

Por muito tempo só existia o curso primário. Neste período que foi abordado pelo nosso trabalho, os pais que queriam estudar mais os filhos eram obrigados a enviá-los para outras cidades, longe daqui, mas não era qualquer um que conseguia manter o filho estudando longe. Eram poucos que podiam fazer isto.

"Eu e Alaíde ficávamos meses na fazenda acompanhando o trabalho dos empreiteiros, enquanto o José Carlos estudava num internato em Monte Aprazível, no colégio interno do Padre Nunes. Deixar o filho era doloroso, mas necessário. Padre Nunes dizia que o canarinho estava bem guardado na gaiola, mas a saudade nos torturava." (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão")

A política sempre foi considerada assunto de homens, mas abertamente ou camufladamente a mulher dava sua opinião e, de uma forma ou de outra, participava da política. Havia mulheres que eram muito submissas e deixavam de falar o que pensavam, mas havia muitas que já davam opiniões, se não abertamente, mas pelo menos em casa já falava o que pensava.

Vejam os depoimentos de mulheres que viveram em Palmeira d'Oeste, na mesma época, e agiam bastante diferente uma das outras quando indagadas a respeito da participação política e davam opinião própria.

"Não, eu não, mas certo que muita mulher dava já, mas não era muito, porque toda vida muita mulher não entrava, não é, Bráz? Minha mãe mesmo, meu pai era político, eu nunca vi minha mãe falar nada... Onde o marido votava a mulher votava junto, hoje já não é mais assim." (Maria Ressude Gonçalves)

O depoimento da Segunda mulher nos revela outra face da mulher pioneira:

"A mulher dava opinião, até hoje eu dou opinião para o meu velho, sempre dei, sempre! Nós somos muito... Como se diz... Os dois muito unidos." (Adélia Biancarde Scarpin)

Quando esta foi indagada sobre as outras mulheres, respondeu:

"Ah, elas davam, tinham umas no meio, se sabe que no meio do mundo sempre tem uns estrepes." (Adélia Biancarde Scarpin)

A partir destes depoimentos podemos concluir que existiam tanto mulheres pacíficas e submissas à vontade do homem, como também existiam mulheres ativas, que falavam o que pensavam, mas nem todos os maridos aceitavam opiniões. Observemos o que disse uma terceira entrevistada.

"Nós dávamos em casa, mas na rua não, nem cogitava de falar na rua, só em casa a gente conversava, discutia... É muito difícil para a mulher. É pouco marido que dava valor na mulher, escutava o que ela falava, mais era a fala do marido e só." (Argentina Cardoso)

Borges)

Se eram poucas ou muitas as mulheres que davam suas opiniões políticas, se eram aceitas ou não pelos homens não é importante, o importante é ressaltar que já havia algumas mulheres que já não se calavam e abaixavam a cabeça.

Os períodos eleitorais eram épocas agitadas. Os políticos (candidatos) iam às casas, pediam votos, faziam comícios, e nesses comícios saiam muitas brigas.

"Iam nas casas, pediam voto, faziam comício. Tinha briga mesmo. Eles brigavam no comício, subiam no caminhão, derrubavam as pessoas que estavam lá, jogavam no chão." (Argentina Cardoso Borges)

"Quando foi a primeira política, eleição de Jales, o prefeito doutor Euphy Jalles, então naquele tempo... Vinha um caminhão buscar o povo da vilinha para irem assistir ao comício, então a gente ia todos de caminhão, iam mulheres e homens, todos juntos. Ainda falei para as meninas a poucos dias, juntávamos nós, mulheres, comprávamos aquele chapéu de palha e quebrávamos ele aqui na testa e escrevíamos, nós éramos do PSD, então nós íamos cantando, nós íamos todos juntos, não tinha separação, íamos todo mundo junto para votar." (Argentina Cardoso Borges)

Já nas primeiras campanhas, mesmo sendo violentas, as mulheres contribuíram: pediam votos, orientavam como votar, como fazer os títulos eleitorais e etc... Mas é importante ressaltar que a maioria dessas mulheres agia segundo o pensamento do pai ou esposo. Esse era o "trabalho político" e no dia da eleição agiam como cabo eleitoral.

"Ah, elas ajudavam as pessoas no dia da política. Falavam para votar, que tinham que votar e o modo de votar. Eram um tipo de cabo eleitoral, mas eram fracas porque as pessoas não tinham muito conhecimento. Eram poucas as pessoas para ensinar, para ajudar a fazer o título de eleitor, preencher. Tinha que ir à Jales. A gente foi muitas vezes em Jales para ajudar as pessoas a obterem seus títulos de eleitor e aprenderem como votar. Ia muita gente para Jales aprender. Negócio de eleição... Política assim... Meu pai mesmo era um." (Argentina Cardoso Borges)

Uma mulher que mereceu destaque na história de Palmeira d'Oeste é a senhora Minervina Bárbara Cardoso, mãe de uma das entrevistadas. A Dona Minervina conquistou o respeito e a admiração da população local não por pressão, mas pela prestação de serviço, pela simplicidade, pela ajuda às pessoas e pela participação política. Era uma das únicas que abertamente participava da política.

"Minervina Bárbara Cardoso, ela muito trabalhou. Minha mãe trabalhou muito por Palmeira d'Oeste. Isto é verdade. Foi uma das que mais trabalhou por Palmeira! De política a tudo foi ela, a minha mãe. Minha mãe era uma pessoa muito disposta, muito trabalhadora e disposta mesmo. Ela conversava com qualquer pessoa. Podia ser rico, ser pobre, ser uma pessoa instruída, ou que não fosse, ela estava sempre em função das pessoas, sempre... Ela ia para

todo quanto é lugar, para todo lado que tinha uma coisinha de política ela estava junto!" (Argentina Cardoso Borges)



Minervina Bárbara Cardoso.

Dona Minervina, sem dúvida, era uma mulher à frente de seu tempo, pois participava de tudo. Num período em que as mulheres eram muito submissas ao homem, outra mulher de destaque foi a senhora Adélia Biancarde Scarpin, pois sempre deu sua opinião para seu marido, seja sobre política ou economia doméstica, não sendo submissa.



1946 - Minervina Bárbara Cardoso.

Na inauguração de Brasília cidadãos de Palmeira d'Oeste estiveram presentes. Entre eles uma mulher, Alaíde, esposa de José Rovéri. Os dois, acompanhados do filho e de seu compadre Magid, foram ver de perto a inauguração da nova capital.

“No dia 21 de abril de 1960, partimos para Brasília na sua inauguração. Eu, Alaíde, José Carlos e o meu compadre Magid, um evento memorável.” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”)

Para encerrar este capítulo uma frase da senhora Adélia Biancarde Scarpin:

"Nós viemos no ano de 42, nós éramos gente, e somos gente até hoje. "
(Adélia Biancarde Scarpin)

As pessoas não podem esquecer que são gente, que são seres humanos e que têm direitos e deveres (político, social, econômico, cultural e outros). Não podem ficar de braços cruzados esperando cair do céu solução para os seus problemas,

principalmente as mulheres precisam crescer na política, porque senão estarão dando poderes para os homens decidirem por elas, governarem por elas.

Depois de 56 anos de fundação e 42 anos de emancipação, Palmeira d'Oeste, no ano de 2000, elegeu finalmente sua primeira vereadora, a Senhora Cida Barbosa (Aparecida Barbosa da Silva Matos), aos 48 anos de idade.



2002 - Aparecida Barbosa da Silva Matos (Cida Barbosa).

Relação familiar e participação na economia

O namoro era bem diferente dos dias atuais. Tinha que namorar em casa, ter permissão dos pais, e ter respeito.

Havia pais muito rígidos que não toleravam namoro longo, como no caso da família Ressude:

“Era só arrumar um namorado ele determinava: em três meses tem que casar. Eu demorei muito porque eu namorei... O primeiro namorado meu foi o Bráz, não namorei mais ninguém, foi só ele... Namorei três anos escondido do meu pai. Quando meu pai descobriu foi quando ele mudou aqui para a fazenda, aí logo tivemos que casar.” (Maria Ressude Gonçalves)

Mesmo nas famílias menos rígidas, havia regras para o namoro que deviam ser cumpridas e respeitadas. Por exemplo: não podia namorar na rua, somente em casa, e com hora marcada para ficar, não podia ultrapassar o horário estipulado.

Os casamentos neste período já não eram mais arranjados. Segundo as informações obtidas, eram por amor.

"Ah, na minha época já era por amor. Acho que sim. Naquela época, a maior parte já era por amor mesmo. Eu acho que sim, porque o meu mesmo foi (graças a Deus)... Foi por amor." (Adélia Biancarde Scarpin)

Na década de 40 não havia casamento por meio de fuga (fugido), como se dizia na época, "casava direito". Casava-se no civil e, como não havia padre, o casamento no religioso poderia demorar meses após o civil, pois era preciso ir a outras cidades maiores para poder casar no religioso, mas já no final da década e início da outra um padre começou a vir de vez em quando celebrar missas e fazer casamentos.

“... quem queria casar no religioso arrumava os padrinhos, arrumava os cavalos e ia embora para a cidade e ia casar porque era assim. Tinha que ir para Fernandópolis... Para

Votuporanga, Rio Preto, Pereira Barreto, tinha que ir embora a cavalo, mas depois logo veio o padre. Então ele vinha uma vez por mês aqui.” (Adélia Biancarde Scarpin)

A relação marido e mulher era marcada por características antagônicas. A presença do diálogo e a submissão, o amor e a traição, a passividade e a violência.

A traição e a violência ocorriam bem pouco, mas é algo que as pessoas fazem questão de esquecer, apagar da memória e esconder.

Já a submissão e algum diálogo era uma coisa clara de se ver.

“... minha mãe era só meu pai, era ele que mandava em tudo.” (Maria Ressude Gonçalves)

Esta frase deixa clara a submissão de algumas mulheres, mas outras frisam bem a existência do diálogo.

“... sempre fomos unidos os dois, tanto pra educar as crianças, dando opinião dele pra mim, e eu pra ele. Graças a Deus.” (Adélia Biancarde Scarpin)



1977 - Adélia Biancarde Scarpin e seu marido José Scarpin.

Os casos de violência doméstica eram sempre muito escondidos, mas um caso que ficou registrado é de um “tal” de Juca que chegou à Palmeira d'Oeste em 1946 vindo de Estrela d'Oeste, de onde foi expulso pela família Castilho vindo a morar nas proximidades do Córrego do Coqueiro na propriedade de Euphy Jalles e mais tarde veio morar na vila. Era um mal sujeito, de tendência ao crime.

“Ele não aparecia para ninguém e ninguém também o procurou. Dias depois passou a surrar a mulher constantemente. Não se demorou muito por ali. Dizem que o perigoso bandido havia atravessado para o outro lado do rio e que fora morto por pistoleiro... Havia outra versão de que ele teria sido morto pela sua própria mulher.” (José Roveri no seu livro “Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão”)

Existiram também alguns casos de relacionamento extraconjugais que culminaram em fuga, separação e, em alguns casos, até mesmo em morte. Casos que na época foram escândalos, mas os pioneiros preferiam esquecer.

“... não tinha nada disso naquela época, não é? Não tinha muito casal briguento, não tinha separação... Não, não existia essas coisas, tinha pouca gente, era tudo gente que respeitava. Tinha respeito.” (Adélia Biancarde Scarpin).

Apesar do receio de falar sobre estes casos, eles ocorriam sim, e ocorriam justamente nas famílias antigas, nas primeiras que vieram e que "participaram da fundação", talvez por isto haja o receio de falar ou pelo fato de alguns dos envolvidos ainda residirem na cidade, e eram pessoas modelo, que se diziam religiosas.

“... aquele homem era tão exemplo, ele ia todo domingo na igreja. Uma vez ele foi na Aparecida do Norte, tirou uma foto com a “Nossa Senhora” no braço, um homem inteligente, uma grande pessoa... Uma família de gente distinta. Olha, depois, para mim, desmoronou o mundo todo porque eu não acreditava que existiam estas coisas. Faz cinquenta anos e eu não acreditava que um homem largasse a família...” (Maria Ressude Gonçalves)

Neste caso o marido abandonou a esposa e fugiu com outra mulher casada. Não convém citar nomes pois estamos contando a história da mulher de Palmeira d'Oeste no geral e não no particular. Estamos apenas mostrando o que ocorria. Não queremos prejudicar ou ofender ninguém.

Ocorreram outros casos. Inclusive um que acabou sendo encerrado com um assassinato. Também este caso ocorreu dentre a "elite local" e mostra como as mulheres dessa classe eram submissas, chegando ao fato de algumas delas, como nesse caso, aceitarem a relação extraconjugal do marido.

“Ela passava um terno de linho todo dia com um ferro de brasa... Passava o terno para ele ir namorar a menina. Dizem que ele deitava num quartinho e ele colocava, juntava flor e jogava tudo. Ela que me contava, cobria de flor, aí ele fugiu com a moça. Aquela moça sumiu e ele voltou. Ela aceitou. Passou algum tempo e ele quis desquitar e ela aceitou. O advogado veio de Jales, fez toda papelada, arrumou tudo e ela assinou. Dizem que ela falou: ‘olha doutor, ele pode ir para onde quiser, dar as voltas no mundo que ele quiser, mas o dia que ele voltar, a porta da minha casa estará aberta.’” (Maria Ressude Gonçalves)

Esta história acabou tendo um fim trágico. O pai da moça prometera que se o homem que fugira com sua filha entrasse em seu lar ele o mataria, e foi o que aconteceu.

O divórcio ou desquite, ou até mesmo as separações informais, eram mal vistos pelas pessoas, mas outro fato que abalava a moral da época era a mãe solteira.

“... nossa! Naquela época que eu casei eu lembro, Nossa Senhora Aparecida, uma moça ter um neném... Todo mundo esconjurava, Nossa Senhora, era muito feio!” (Maria Ressude Gonçalves)

Outra discriminada seriam as mulheres separadas que se envolvessem em um novo relacionamento.

“Ah! Era discriminada. Quando tinha uma mulher mais ou menos assim, naquele tempo nós falávamos, fulana é falada... Então já era falada... Naquela época era moça, mulher que largava do marido, ficava andando aí com um e com outro, porque sempre tinha, e alguma moça sempre fugia da rotina do pai e da mãe.” (Argentina Cardoso Borges)

As mulheres pioneiras de Palmeira d'Oeste trabalhavam muito em casa, na roça, na política em repartições públicas, nas lojas, como domésticas, parteiras e outros afazeres, mas poucas vezes são lembradas na história local.

As mulheres trabalhavam duro na roça também.

“... as minhas irmãs iam todas para a roça. Elas iam todas. Meu pai tinha uma lavoura de café e as meninas iam de madrugada, iam no escuro para a roça...” (Maria Ressude Gonçalves)

Na roça as mulheres faziam todos os serviços e em casa ainda eram as encarregadas de fabricar os produtos caseiros que serviam de alimento para toda a família. Também eram responsáveis pelo beneficiamento dos alimentos nos pilões.

Os alimentos beneficiados no pilão eram o arroz e o café. Os alimentos feitos em casa eram o óleo de gergelim, as farinhas de milho e de mandioca, os chás, os pães, os doces, o polvilho e outros; ainda se fabricavam velas, sabão, tamancos. Alguns destes produtos para serem fabricados passavam por um processo longo e demorado, como a farinha de mandioca, que era ralada na peneira, e o café, que era beneficiado no pilão, para depois ser torrado e voltava novamente para o pilão para ser moído. Senão todo, mas pelo menos a maior parte destes serviços eram realizados do começo ao fim da produção pelas mãos femininas. O homem participava, por exemplo, tirando a cera da abelha para fabricar a vela e matando os animais para fazer o tamanco e o sabão, o resto era a carga da mulher.

“Quem fazia mais isto era eu que mais trabalhava na farinha de mandioca, farinha de milho. Isto era eu porque minhas cunhadas tinham muita criançada. Elas não davam conta do serviço e ainda tinham que ir para a roça.” (Adélia Biancarde Scarpin)

Pelo depoimento acima já dá para perceber que praticamente todo o serviço doméstico era da mulher e ainda ia para o trabalho na roça.

Os produtos fabricados, muitas vezes, eram divididos com os vizinhos, mas alguns eram vendidos. Por exemplo: a senhora Adélia Biancarde Scarpin, após mudar-se para a vila, fabricava pães para os bares da cidade e ainda costurava para fora e a senhora Maria Ressude Gonçalves fabricava muitos produtos para o bar da família.

“... fazia dezessete pudins na quinta-feira e no sábado mais dezessete. Era pudim daqueles que tinha farinha. Era tão gostoso. Tenho vontade de fazer aquilo de novo. Enchia a

vitrine dessas coisas de forno, de tacho, não comprava nada pra vender, a gente fazia tudo, até o de vender no bar. Era bem mais gostoso. Palito francês que chama, conhece também... Gostoso. Enchia a lata de vinte litros assim, sequilho de polvilho tudo feito em casa, nunca a gente comprava um saco de bolacha...” (Maria Ressude Gonçalves)

Quando existia vizinho, geralmente o relacionamento era cordial.

Com o crescimento da vila surgiram novas oportunidades de emprego, como a vinda das professoras para lecionar na escolinha, também a chegada de médicos e dentistas. A preferência de empregos era das mulheres solteiras, pois não tinham filhos para atrapalharem o trabalho, uma vez que não existiam creches.

A senhora Argentina Cardoso Borges foi uma das primeiras mulheres a trabalharem fora de casa em local público. Em 1957 começou a trabalhar no posto do Correio. Antes seu pai, Liovergilio Francisco Cardoso tinha um correio particular que funcionava na própria casa. As correspondências transitavam no lombo de mulas entre Palmeira d'Oeste e Jales. Após a construção do prédio do correio ela passou a trabalhar lá como funcionária pública e era alvo de admiração, mas também de preconceito.



1946 – Liovergilio Francisco Cardoso.

“Ah, sempre eles admiravam! ‘Ah, mas é você que está aí no correio? Você... Você...’ É, eu estou aqui. Então é de se admirar...” (Argentina Cardoso Borges)

O motivo de tanta admiração e surpresa era pelo fato de que até então só professoras trabalhavam fora de casa em lugar público, mas estas vinham de fora, de outras cidades, e a senhora Argentina era da própria cidade.

O receio de mulher trabalhando fora de casa era tanto que, quando lojas vinham se instalar na cidade, era difícil conseguir moças para serem vendedoras.

“... veio a Riachuelo mesmo, ele passou na cidade procurando moças que queriam trabalhar, também foi difícil, mas conseguiu, algumas conseguiu...” (Argentina Cardoso Borges)

A produção agrícola era até certo ponto bem diversificada. Produzia-se arroz, feijão, milho, gergelim, café, mandioca, algodão e banana e a mulher trabalhou em todos os serviços e em todos os cultivos. A economia de Palmeira

d'Oeste foi, e é até hoje, essencialmente agrícola.

Palmeira d'Oeste cresceu devido a dois fatores. O primeiro é que se localizava num ponto estratégico, pois ficava entre Jales e Vila Moreira (hoje Marinópolis) e mais adiante estava Pereira Barreto. Quem quisesse ir de uma cidade à outra inevitavelmente passaria pela vila, que até 1943 contava apenas com uma construção comercial, o boteco e a pensão de João Siqueira. Um segundo fato é o movimento da capelinha, que trazia sempre bastante pessoas nos finais de semana.

Em 1946, José Rovéri instalou sua farmácia. Depois começaram a surgir outras construções: lojas, vendas, oficinas, bares e até mesmo padaria.

E... Para finalizar

Oficialmente, a fundação de Palmeira d'Oeste foi realizada pelas mãos de fazendeiros locais. O idealizador da fundação foi Orestes Ferreira de Toledo (agrimensor) que procurou Edílio Ridolfo e lhe disse a respeito de sua ideia e explicou-lhe que o melhor lugar era a gleba de Thomáz Vicente Vicente. Procuraram-no e este concedeu 20 alqueires para a fundação do Patrimônio que ficaria sob direção de seu filho José Vicente Vicente.

"Do outro lado da vila ficava a fazenda do Sr. Joaquim Moreira, homem de família tradicional da cidade de Ribeirão Preto... Dono de áreas enormes naquela região. O Sr. Thomáz Vicente possuía uma área menor adquirida do Sr. Joaquim Moreira e resolvera fundar a vila sob a direção de seu filho mais velho José Vicente." (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão")

O nome do patrimônio foi escolhido por Orestes no dia em que os Vicentes "doaram" as terras.

"O enérgico e eficiente agrimensor, dotado de veia poética, com o braço no pescoço de sua mula, Borboleta, deu sua característica pigarreada e, olhando ao seu redor onde se erguiam dezenas de palmeiras, exclamou: 'Vai chamar-se Palmeira d'Oeste.'" (Edílio Ridolfo ao Jornal Folha d' Oeste em 01/05/1980)

José Vicente escolhera o dia 13 de dezembro para ser o dia da fundação por ser dia da Santa Luzia, a santa de sua devoção. Esta é a visão oficial da fundação de Palmeira. É uma visão de cima para baixo. É a visão dos donos da terra, mas será que o trabalhador, que construiu, que fez as terras produzirem, que fez a vila crescer, não são tão fundadores da cidade quanto o proprietário que "doou" as terras e obteve ganhos com esta doação, uma vez que os lotes eram vendidos a quem vinha morar na vila?

"... mas Zé Vicente falou assim: 'aqui vai ser lote, aqui vai ser lote', então ele já comprou para fazer a casa..." (Maria Ressude Gonçalves)

Esta é uma questão a se pensar: será que José Vicente é mais fundador do que aqueles que trabalharam na construção da igreja, da escola, daqueles que abriram os campos, formaram as roças e as pastagens como os Scarpin, os Galete, os Ressude, os Cardoso e muitos outros?

A vila crescia lentamente, pois ficava espremida entre os latifúndios, e o número de habitantes era pequeno.

"A vilazinha crescia a passos lentos. Não havia gente suficiente para fazê-la crescer. Áreas enormes nas imediações do pequeno povoado nas mãos de latifundiários cujas residências eram longe dali à espera de melhores preços emperrando o desenvolvimento da futura cidade." (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão")

Esta situação perdurou até o momento em que o CAIC (Companhia de Agricultura Imigração e Colonização também chamada de "Cacique" pelos moradores) desapropriou e vendeu uma propriedade com terras ociosas.

"A companhia "Cacique" iniciaria a venda de terras de propriedade de um morador de Mirassol, terras ociosas num total de sete mil alqueires. Então começaram a chegar muitas famílias procedentes da região de Catanduva... Araçatuba... Retalhando em lotes de cinco, dez, quinze, vinte alqueires e uns de cinqüenta alqueires." (José Roveri no seu livro "Onde Canta o Sabiá — Sonhos e Memórias de um Boticário do Sertão")

Isto não quer dizer que Palmeira d'Oeste tenha ficado a parte de uma característica da época que era a grilagem de terra ou o apossamento. Aqui, o que se tem informação, é da existência de posseiros.

"... vinha, como diz o outro, vinha "apossando", "apossava" aquele pedacinho de chão, fazia um ranchinho e ai ficava, se via que tinha serviço, trabalhava, o dia que não tinha ficava sem trabalhar. Era desse jeito e tem muitos terrenos aí que até hoje acho que nem escritura tem. "Apossiô", pagou o direito. Paga os impostos, faz casa, e aí fica..." (Adélia Biancarde Scarpin)

Fugimos um pouquinho do tema central que é a mulher, mas achamos que era necessário para um melhor entendimento do contexto histórico da época. Vamos retomar ao nosso tema central, que é a mulher na história de Palmeira d'Oeste.

"Pra mim, o que nós passamos aqui, de quando nós entramos aqui, dava um romance, isso dava..." (Adélia Biancarde Scarpin)

As palavras de Dona Adélia exprimem uma grande verdade sobre a vida da mulher pioneira. Era uma vida dura, cheia de dificuldades, de lutas, sofrimentos, mas também de alegrias, de farturas, de vitórias. Fatos de sua vida cotidiana que ela exprime durante seu depoimento através de diversas frases como:

“Tinha fartura, mas nós sofremos. Mas nós sofremos, ‘Nossa Senhora’, como nós sofremos, nós sofremos muito. Mas nós trabalhamos, meu Deus do Céu, que desespero no meio desse mato! Não é fácil o que nós passamos aqui. O quê? Comemos o que o diabo amassou com o rabo... Nós sofremos, mas graças a Deus a gente venceu... Muita gente reclama. Hoje nós estamos no céu, hoje tem tudo na mão.” (Adélia Biancarde Scarpin)

Mas as frases de Dona Adélia não expressam apenas dor, medo e alegria. Expressam muito mais. Expressam a indignação pela não valorização da mulher na história de Palmeira d'Oeste e de todos aqueles que construíram a história local. Quando ela fala a respeito da história oficial que não traz nada a respeito da mulher (com exceção da rezadeira Maria Tiburtina de Jesus) é que se percebe a sua indignação:

“... tem mulher que trabalha muito mais do que homem, como diz o outro, e diz o outro que o periquito come o milho e o papagaio leva a fama...” (Adélia Biancarde Scarpin)

Ela também acredita que sua família não teve o reconhecimento pelo tanto que fez pelo município. A única homenagem recebida foi uma medalha dos pioneiros, dada ao seu marido.

Apesar de estar sempre ao lado do homem (pai ou marido), desde que a primeira família pisou no município, a mulher ficou excluída da história e das posições na hierarquia social devido ao machismo, ao preconceito da época e, talvez, por elas mesmas não buscarem o seu espaço. Foram poucas as que fizeram isto como Dona Minervina Bárbara Cardoso, que participava abertamente da política, ou a Dona Maria Eliza de Mendonça Vicente, que veio sozinha, com a cara e a coragem, para o pequeno vilarejo desconhecido lecionar e ainda morando em casa de estranho. Algumas outras, como Dona Adélia, não conquistaram um espaço público, mas conquistaram algo que era difícil na época, como um espaço na família para decidir, para dar opiniões, ou seja, um espaço de respeito mútuo. Geralmente as mulheres só obedeciam aos homens. A palavra do homem era uma lei.

A mulher foi importante na história de Palmeira d'Oeste. Desempenhou um grande papel que ficou escondido, até então, quando foi dada oportunidade para elas falarem sobre isto. Elas contribuíram para o crescimento da cidade simplesmente pelo fato de serem elas as condutoras da religião. Foram elas quem preparavam as "prendas" dos leilões com as quais se arrecadou dinheiro para construir a igreja e a escola.

A igreja, com o movimento, atraiu comerciantes. A escola alfabetizava as crianças do patrimônio, que mais tarde ajudaram o município crescer. Nas escolas, a educação nos primeiros anos era realizada apenas por professoras.

"Foi... Foi sim, porque foi a mulher que ajudou a gente que vinha arrumar a

igrejinha para rezar. Arrumava andor, então era tudo a mulher. Pra fazer o leilão as mulheres é que arrumavam os frangos, pediam, iam nos sítios a cavalo buscar frango, então, quero dizer que a mulher ajudou muito, nesta parte é trabalho." (Argentina Cardoso Borges)

Mesmo sem perceber, as mulheres já começavam a resistir ao autoritarismo e ao machismo. Com suas atitudes já burlavam as imposições. Por exemplo o Sr. André Ressude não permitia que as filhas fossem aos bailes, mas elas iam escondidas. O pai estipulava o prazo do namoro (após três meses tinham que casar) mas, uma de suas filhas, namorou três anos escondida. Então, sem perceberem, sem terem consciência, essas mulheres, de uma forma ou de outra, estavam enfrentando o autoritarismo paterno (masculino).

O trabalho feminino nem sempre era reconhecido pelas pessoas, até mesmo pelos familiares. Até hoje ainda se vê muito disto. Muitos não consideraram o trabalho que a mulher realiza em casa (lavar, passar, cozer, limpar e etc...) como trabalho, mas também há os que reconhecem.

As mulheres que trabalhavam fora de casa naquela época tinham os seus salários gastos com as próprias despesas da casa. Se era casada, ajudava o marido nas contas caseiras e decidiam juntos como seria utilizado o salário.

"... era gasto em comum, juntos." (Argentina Cardoso Borges)

Hoje a mulher trabalha bastante porque tem um campo maior de trabalho para ela, mas as mulheres pioneiras trabalhavam muito mais. Trabalhavam em casa, ajudavam o marido, criavam muitos filhos e ainda tinham que arranjar tempo para fabricar os produtos caseiros e costurar para a família.

Hoje a vida para a mulher é bem mais fácil e melhor. É difícil a casa que não tem as tecnologias e os confortos como água encanada, chuveiro elétrico, ferro elétrico, fogão a gás, geladeira e outros. Tudo que não existia naquela época, nem energia elétrica tinha, mas apesar da vida sofrida, das dificuldades, das dores, dos medos, das lágrimas derrubadas, foi aqui que elas também lutaram, sorriram, viveram e venceram. A estas mulheres é permitido ter saudade de uma época em que ajudaram a construir uma cidade, uma história.

"... a gente fazia! Parece que era tão gostoso naquele tempo..." (Adélia Biancarde Scarpin)

Sobre os autores

Anna Pereira Silva Neta Graminholi

Nascida em 29/07/1954 em Ribeiro do Vale (SP).

Filha de Aurelino Pereira da Silva e Davina Pereira da Silva.

Cursou do 1º ao 4º ano de grupo no antigo Grupo Escolar de Palmeira d'Oeste (SP).

Cursou da 5ª a 8ª série na E.E. Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste (SP).

Cursou o Normal na Escola Serapião de Palmeira d'Oeste (SP).

Licenciada em História pela UNI JALES no ano de 2000 em Jales (SP).

Hoje professora aposentada pela E.E. Oscar Antonio da Costa de São Francisco (SP).

Randerson Carlos de Souza

Nascido em 13/10/1980 em de Palmeira d'Oeste (SP).

Filho de Leobino Evangelista de Souza e Olinda de Souza.

Cursou o 1º Grau na E.E.P.G. do distrito de Dalas (SP).

Cursou o 2º Grau na E.E. Orestes Ferreira de Toledo de Palmeira d'Oeste (SP).

Licenciado em História pela UNI JALES no de 2000, em Jales (SP).

Hoje professor efetivo na rede estadual de Mato Grosso do Sul, em Aparecida do Taboado (MS), e na rede estadual do estado de São Paulo, em Santana da Ponte Pensa(SP).

Skala Fm – comunitária igual não há

Hermenegildo Jose Ferreira
2011

Canal 257 Fm (99,3 Mhz) – Rádio Comercial

Ao que tudo indica a primeira iniciativa para obter a outorga de uma emissora de rádio para Palmeira d'Oeste foi da "Rádio Palmeira d'Oeste" iniciada no ano de 1979. À frente de um grupo de moradores estava seu diretor gerente, Sr. Baptista Álvares Campos. A outorga foi conquistada em 1983. Alguns comentários levam a crer que houve desentendimentos de ordem política dentro do grupo formado e a emissora de rádio não foi instalada e sua concessão cassada em 1986.

Iniciativas de trabalho para o bem coletivo na cidade, às vezes, encontram grande resistência. Talvez isso aconteça desde a sua fundação... Talvez seja esse um dos fatores que transformou uma cidade que nasceu com grande potencial de desenvolvimento, principalmente pela qualidade de suas terras agricultáveis, em uma localidade que não apresentou o mesmo grau de desenvolvimento de algumas cidades vizinhas.

Comenta-se que bem antes dessa primeira tentativa um jovem visionário conseguiu comprar um transmissor de rádio AM usado de uma emissora de Jales e colocou no ar, por pouco tempo, uma rádio em Palmeira d'Oeste. O pessoal de Jales parece que não gostou muito da iniciativa e o rapaz foi advertido pelo delegado de polícia da época que explicou, para o desavisado jovem, que era necessária a obtenção de outorga junto ao governo federal para se colocar uma emissora de rádio para funcionar.

Depois viriam outras iniciativas...

No início de 1996, o Valnei Montoro ficou muito empolgado e cheio de vontade. Chegaram às suas mãos vários documentos mostrando que algumas pessoas, mais uma vez ligadas à política, haviam iniciado um processo para conseguir um canal de FM para a cidade. Desistiram no meio do caminho. Abandonaram a empreitada; não sei o motivo...

O Valnei Montoro pretendia retomar o projeto e queria minha ajuda para o seu intento. Fui bastante claro com ele. Não contasse comigo. Achei aquilo uma insensatez.

Já haviam ocorrido algumas tentativas no passado frustradas, sei lá, se pelo potencial econômico do município não comportar uma emissora de rádio comercial ou se pelas brigas provocadas por interesses adversos no interior dos grupos formados na época, geralmente comandados por lideranças políticas da cidade.

Opinei que se ele conseguisse convencer dez pessoas, no mínimo, dispostas a investir nisso, poderia ser que obtivesse sucesso. Foi aconselhado que evitasse os amantes da política, pois a inconstância dos humores e interesses poderia ser fator de mais um insucesso na nova tentativa. Seria melhor procurar pessoas que aqui residissem há muito tempo com suas famílias e aqui tocassem seus negócios.

Achei que ele jamais conseguiria...

Pasmem! Antes que aquele dia terminasse, volta o Valnei Montoro com um grupo formado por dez pessoas dentro dos parâmetros que foram sugeridos. Ele não aceitou minha negativa e então tive que entrar nessa empreitada. Estava em dívida com ele, pois tempos antes o obriguei a assumir um projeto de trabalho na Associação Comercial de Palmeira d'Oeste.

O grupo “dos dez” formado por pessoas de famílias tradicionais ligadas ao comércio da cidade eram:

- *Valnei Montoro;*
- *Hermenegildo Jose Ferreira;*
- *Luiz Conceição Righetto;*
- *Edson Domingos Martins Rossini;*
- *Paulo Afonso da Silva Nunes;*
- *Valdemar de Paula;*
- *Salvador Luiz Zanelati;*
- *Jurandir Soares da Silva;*
- *José Donizeti Mossoleto;*
- *Evandro Luiz Campanholo Mingati.*

O Evandro Mingati, até hoje não sei como, foi quem apareceu com a documentação abandonada da Rubi FM que pretendia viabilizar um canal de radiodifusão comercial (canal 257) em frequência modulada para Palmeira d'Oeste. Também não sei o que motivou o abandono pelo seu pessoal.

Valnei Montoro, Luiz Conceição Righetto e Paulo Afonso da Silva Nunes foram até São Paulo, capital, para entrar em contato com a mesma pessoa que havia prestado serviço de assessoria e técnico ao grupo da Rubi FM, a Engenheira Maria de Fátima, que ao saber que éramos de Palmeira d'Oeste não quis conversa. Parece-me que haviam deixado uma dívida significativa por lá. Mesmo com a engenheira Maria de Fátima irritada conseguiram falar com ela e pagaram os honorários devidos pela Rubi FM. Desfeito o mal-entendido, deu prosseguimento ao projeto, mostrou ser uma profissional competente e uma portuguesa muito simpática, com certeza.

Assim nasceu a **Studio 10 FM** em 1996 reiniciando o processo de viabilidade técnica de um canal FM para Palmeira d'Oeste junto ao Ministério das Comunicações; e um tempo depois pediu a abertura de edital para a concessão de outorga de execução de serviço de radiodifusão comercial em frequência modulada.

Tempo vai... Tempo vem... Tempo passa... E nada da publicação do famigerado edital. Não sabíamos o motivo, estava tudo rigorosamente dentro dos parâmetros exigidos pelo Ministério das Comunicações. Disseram-me que necessitávamos de alguém lá em Brasília para ajudar na publicação do edital. O fato é que recusamos esse tipo de “ajuda” e depois de uns seis anos esperando o edital, finalmente, foi publicado.

Desde o início foi colocado para os sócios cotistas que dificilmente nós conseguiríamos obter esse canal de comunicação e que o investimento era de alto risco, praticamente a fundo perdido. Mesmo que conseguíssemos ganhar a outorga, já havia alertado que a emissora deveria ter administração rígida para poder honrar seus compromissos e que se alguém pensasse nesse investimento para obter lucro poderia

tirar o seu “cavalo da chuva”, pois dificilmente conseguiria. O poder econômico da nossa cidade tinha lá suas limitações.

O objetivo e a vantagem seria possuir esse meio de comunicação para ajudar no desenvolvimento do município. Se a cidade ganha, nós ganhamos, pois aqui residimos com nossas famílias e temos os nossos empreendimentos. Acho que o grupo todo pensava assim também.

Mesmo que planejávamos uma emissora para atender apenas a nossa comarca o investimento para montar a emissora seria considerável e tínhamos consciência que por ocasião da abertura do edital teríamos, obrigatoriamente, que aumentar o número de sócios cotistas muito além dos dez iniciais. Assim obteríamos o capital necessário para pagar a concessão da outorga e os equipamentos necessários para a emissora de rádio.

Quando finalmente o edital foi publicado e estabelecido o prazo para os interessados apresentarem suas propostas, acreditem, apareceu gente na cidade pensando diferente, muito diferente!

O pessoal da **Studio 10 FM** foi convidado para uma reunião no Clube de Campo das Palmeiras, senão todos, quase todos, compareceram. Estava em gestação a Rádio Opção FM, uma nova empresa na cidade para participar da concorrência. Era tudo o que não precisávamos. No momento que tínhamos que ampliar o grupo trazendo mais cotistas e seguir mais forte na empreitada aparece um divisor de forças dentro de casa. Na reunião expuseram uma visão de negócio e estratégias de ação muito diferentes do grupo da **Studio 10 FM**. O exposto era totalmente fora dos nossos propósitos, e o grupo da **Studio 10 FM** ponderou e concluiu que não seria interessante bancar as cifras sugeridas para ser um cotista.

Todos os sócios da **Studio 10 FM** foram convidados para participarem da nova empresa, mas pelo que sei ninguém aceitou o convite.

Este grupo de dez pessoas custeou todo o oneroso e difícil processo para se ter uma emissora de rádio em Palmeira d'Oeste. Alcançado o objetivo primordial, decidiu encerrar a **Studio 10 FM** facilitando para a nova empresa que se formara sob nova liderança. Seria incoerente continuarem. A missão do grupo, então, chegara ao fim... A **Studio 10 FM** foi formalmente encerrada em abril de 2002 depois de quitar todos os seus “compromissos” e conseguir, definitivamente, o canal 257 FM para Palmeira d'Oeste.

Restava torcer para que o vencedor da concorrência efetivamente colocasse a emissora de rádio para funcionar

Uma vez publicado o edital, qualquer empresa do país do setor de radiocomunicação habilitada pelo Ministério das Comunicações poderia participar da concorrência. Segundo informações colhidas, havia empresas especializadas em participarem dessas concorrências abertas mesmo para os lugares menos interessantes desse país, algumas ligadas a políticos de carreira.

Parece-me que a Opção FM não conseguiu ser habilitada para participar da concorrência e uma outra empresa do ramo obteve a outorga. Até o início de 2011 constava que estava aguardando deliberação do Congresso Nacional. Parece que tentaram revender a outorga tentando ganhar uns trocos em cima. Eu mesmo, certo dia recebi um telefonema de uma pessoa que se dizia representante da empresa

possuidora da concessão querendo vender a concessão da outorga mesmo antes de colocarem a emissora no ar. Não levei a sério...

Canal 290 FM (105,9 Mhz) – Rádio Comunitária

Com a onda de implantação de rádios comunitárias no Brasil tivemos a nossa primeira emissora de radiodifusão no ano de 1996. A “El Shadai” dirigida pelo Edson Rossini e pelo “Nau” Ponce (Reginaldo Ponce).

Severino Caffer afirma que a primeira transmissão foi no dia 12/04/1996. Os locutores eram Severino, Adelson Gaivota, Evandro Luiz e Donizete Furlanetti. Na época as rádios comunitárias funcionavam na ilegalidade e eram, pejorativamente, chamadas de “rádios piratas”.

A El Shadai fez grande sucesso!

A certa altura do empreendimento o Edson Rossini se desentendeu com o “Nau” e este último assumiu sozinho o controle da El Shadai.

O Edson não deixou por menos. Reuniu alguns amigos e fundou a **Associação de Desenvolvimento Artístico, Cultural e Social**. Contratou um advogado de Votuporanga para tentar obter uma liminar na Justiça Federal que permitisse o funcionamento de uma nova emissora de rádio comunitária. Assim, nasceu a **Skala FM** no ano de 1996.

Relato de Edson Rossini

- *Por que montar uma rádio?*

- *Palmeira d'Oeste não tinha esse meio de comunicação. Só que se fosse montar teria que fazer com pessoas que tinham vontade de trabalhar em rádio, de fazer rádio de maneira séria. Foi quando a gente conheceu o Adelson e aí foi o princípio... Mas tinha de trabalhar certo, correto, de acordo com a lei... Nessa época não tinha uma lei própria para meio de comunicação pequeno. No início a gente trabalhava com liminar... Foi quando a gente conheceu o Adelson e o Evandro e surgiu a idéia e fomos correr atrás... A gente foi atrás de um lugar, atrás de outro, cheguei a ir a São José do Rio Preto... Fomos a Tanabi na base militar da Aeronáutica conversar... Fomos atrás de advogado e conseguimos uma liminar... Como se diz? “Meio pau”, né? Como se dizia antigamente, protegia, mas não protegia... Poderia dar errado de uma hora para outra, mas a vontade era tanta de fazer alguma coisa diferente, de por no ar uma coisa diferente... E sabíamos que a gente poderia fazer alguma coisa... Então... A legislação brasileira é difícil. Naquele entusiasmo todo, a gente começou tudo...*

Nesse tempo é que foi formado o grupo da **Studio 10 FM** para trabalhar para a obtenção de um canal de rádio FM comercial para Palmeira d'Oeste; o Edson entrou, também, nesse grupo. Ele ficou na dúvida: deveria abandonar o seu projeto de rádio comunitária ou não?

Particularmente, eu achava que seria mais uma luta inglória, mas que deveríamos investir também nessa empreitada. Tínhamos que explorar todas as

possibilidades. Como, legalmente, éramos impedidos de pleitear mais essa emissora de radiodifusão, cada elemento do grupo da **Studio 10 FM** indicou alguém de sua confiança para integrar o quadro de associados mantenedores da **Skala FM**.

Associados mantenedores em 1996:

- *Victório Rossini;*
- *Uelinton Renato Ferreira;*
- *Renata Veiga Alves Montoro;*
- *Arnaldo Fredi;*
- *Marilza Alves Riguetto;*
- *Nair Saturnino Balbino Nunes;*
- *Sônia Maria Ferreira Zanelatti;*
- *Sandra Mara da Cunha;*
- *Isabel Cristina de Paula.*

Quando fomos informados que o advogado havia conseguido a liminar para o funcionamento da **Skala FM** junto à Justiça Federal, o Luiz da Santa Paula (Luiz Conceição Righetto) correu a “sacolinha” para arrecadar dinheiro dentro do grupo “dos dez”. Alugamos um imóvel e fizemos todas as reformas necessárias.

Se a **Skala FM** tinha uma liminar concluímos que poderíamos colocar ela para funcionar.

O Edson, um autodidata, montou e colocou a rádio no ar. Para iniciar as atividades, ele emprestou todos os seus aparelhos eletrônicos necessários a rádio e assumiu a responsabilidade de se dedicar, integralmente, vinte e quatro horas por dia, todos os dias, para que a rádio permanecesse funcionando.

Relato de Edson Rossini

- *Como surgiu o nome da **Skala FM**?*

- *Foi até engraçado... Um dia a gente andando de carro, falando uma coisa aqui outra coisa lá... E conversa daqui... Conversa de lá... Falei muda de estação, muda a escala do rádio aí, pô! A escala do rádio muda de uma frequência para a outra, vamos ouvir... O nome surgiu desse linguajar... Da escala, da mudança da frequência para sintonizar as emissoras de radiodifusão... O rádio é cheio de escalas de frequência.*

De olho no que estava acontecendo no país e, principalmente lá em Brasília, redigi um novo estatuto com o intuito de, previamente, adequá-lo ao projeto de lei de radiodifusão comunitária que tramitava no Congresso Nacional.

Em 21 de Dezembro de 1996, a **Skala FM** iniciou sua transmissão de rádio em frequência modulada em 106,5 Mhz e potência de 50 watt com a presença de populares, associados e autoridades locais no endereço da rua Brasil, nº 68-129. Foi um enorme sucesso!

A cidade, agora, possuía duas emissoras: A **Skala FM** e a El Shadai!

O grupo “dos dez” continuou investindo. Não demorou muito a **Skala FM** começou a se destacar. Com uma torre de apenas 40 metros de altura e um

transmissor de baixa potência, a Skala alcançava cidades longínquas, tais como: Aparecida do Taboado, no Mato Grosso do Sul, Fernandópolis e General Salgado. O segredo? A qualidade dos seus equipamentos e uma antena com ganho que triplicava a potência do transmissor.

Relato de Edson Rossini

O início foi muito difícil... Do que a gente precisava? Não adiantaria eu, na época, por a parte funcional da rádio no ar se não tivesse uma retaguarda... O que iria acontecer? Outros interesses iriam bater... Bater até nós fecharmos... Mas graças a Deus tínhamos uma equipe boa... Tanto numa área como em outras... O Luiz da Santa Paula cuidando da área financeira... O Valnei Montoro correndo atrás para resolver qualquer tipo de problema que aparecia... O Hermenegildo entendia muito da legislação relacionada aos problemas da rádio... Essa parte ele deixou perfeita...

Passaram-se alguns meses, tudo muito tranquilo, sucesso total, contas a pagar em dia. Todo mês o advogado recebia o seu honorário. Ele dizia para o Edson que estava tudo tramitando certinho na Justiça Federal, lá em São José do Rio Preto (SP).

O Valnei descobriu que nem o Edson... Nem ninguém... Jamais alguém tinha visto cópia da tal liminar. Pedimos para o advogado e ele ficou enrolando.

Relato de Edson Rossini

*Esse projeto da **Skala FM** era para facilitar a comunicação em Palmeira d'Oeste... Facilitar comunicados nas áreas social, de saúde, cultural... A gente pensava nisso tudo... Tudo isso sem pensar em nada em troca, sabíamos que a rádio não iria dar nada para ninguém... Como não dá nada até hoje... Foi mais o espírito... A força de vontade de ter a rádio para poder anunciar o que acontecia em nossa cidade sem precisar ir até Santa Fé do Sul, Jales...*

Certo dia, pela manhã, o Luiz, o Valnei e eu resolvemos dar um pulinho lá em Votuporanga para tirar isso a limpo. Chegamos à casa do advogado no horário previamente marcado, pela manhã, e ele não se encontrava. Lá estava somente sua mãe, uma senhora já de certa idade, que disse que o filho havia saído e que naquele dia ele não poderia nos atender.

Comunicamos àquela velha senhora que não arredaríamos o pé dali até que seu filho aparecesse. Vencemos pelo cansaço e ele apareceu! Não tinha cópia de nada. Colocamos esse advogado dentro do carro do Luiz e o obrigamos, imediatamente, a ir conosco para São José do Rio Preto, na Justiça Federal.

Do lado de fora da sala do juiz (na realidade atrás da porta) podíamos ouvir a conversa. O juiz, muito atencioso, objetivo e com muita paciência, explicava que estava preocupado com os problemas técnicos, principalmente com a segurança; fui registrando todas as suas preocupações e o que ele pedia. Era necessário provar que nosso transmissor não iria interferir com outros sistemas que usam ondas de rádio,

tais como ocorre na navegação aérea, nos aeroportos, na polícia... E o advogado, como se estivesse em outro planeta, falando do Pacto de São José da Costa Rica, da qual o Brasil é signatário, coisas assim que o magistrado já deveria estar “careca” de saber (na realidade o Brasil cumpre pouco do que foi pactuado em São José da Costa Rica).

Descobrimos que a **Skala FM** não tinha permissão para funcionar, não existia liminar. Era uma autêntica “rádio pirata”. Pensei... Estamos lascados!

Havia chegado a hora de tomar alguma atitude, e tomamos. Passamos a conduzir o processo. Ditei ao advogado o que ele deveria juntar ao processo, coisas para dirimir as dúvidas do juiz... O trabalho dele agora era assinar embaixo.

Contratamos engenheiro de telecomunicação para aferir e emitir laudo técnico. O sistema de irradiação da **Skala FM** estava em perfeitas condições de funcionamento (durante este processo rastreando todo o espectro de frequência de FM constatou-se que uma emissora comercial da região estava com seu transmissor fora dos padrões de segurança). Obtivemos declarações de não interferência nas ondas de rádio da Polícia Militar, da Sabesp e do piloto comercial de aviação Dalvo Gurian. Para fazer valer esses documentos era prudente juntar ao processo uma portaria antiga do Ministério das Comunicações. Liguei para o meu amigo Beralzinho (Antônio Donizete Beraldo), trabalhando há muitos anos em Brasília (DF) na C.N.A (Confederação Nacional da Agricultura), que imediatamente enviou um subalterno na sede da Imprensa Nacional e em dois dias o documento estava em nossas mãos.

Pedimos para o advogado juntar toda a documentação obtida ao processo. Quando ele viu a portaria do Ministério das Comunicações exigida pelo Juiz ficou admirado. Disse que precisava de mais quatro cópias daquele documento para outros processos análogos de outras rádios comunitárias e que ele me pagaria seiscentos reais por cada um. Não era dinheiro de se jogar fora em 1997. Não aceitei, ele ficou a ver navios...

Conseguimos com isso uma liminar parcial, ninguém poderia apreender os equipamentos, e mais, o juiz federal emitiu ordem para que técnicos do Ministério das Comunicações viessem na **Skala FM** para aferir os equipamentos de transmissão e confirmarem os laudos que já havíamos enviado a ele.

Destituímos o advogado, não confiávamos mais nele. Contratamos um renomado escritório de advocacia em São José do Rio Preto (SP), bem mais caro, por sinal. Que arrependimento! Não progrediu um milímetro sequer!

O Ministério das Comunicações não cumpriu a ordem judicial e por conta disso foi emitida ordem de prisão contra o chefe do Ministério das Comunicações no Estado de São Paulo. Claro que não “conseguiram” cumprir e, posteriormente, obtiveram a suspensão dessa ordem judicial de prisão. Foi a deixa para a fiscalização fazer uma visitinha na **Skala FM**, num sábado, no final de agosto de 1998.

Uma equipe de fiscalização do Ministério das Comunicações, acompanhada pela Polícia Federal, saiu da cidade de São Paulo, já no dia seguinte à suspensão da ordem de prisão, especificamente para isso.

Foi um corre-corre danado. Quase todos os associados compareceram na emissora para defendê-la, mas não teve jeito: a **Skala FM** teve seu transmissor e cabo de antena lacrados. Não apreenderam nada em função da liminar concedida.

O chefe dos fiscais do Ministério das Comunicações no Estado de São Paulo observou a qualidade dos equipamentos, das instalações e o envolvimento de tantas pessoas da cidade e fez muitos elogios. Contou-nos que na tarde do dia anterior, ao chegar ao final do expediente, a equipe de fiscais estava radiante e dizendo: “Agora vamos pegar aquele pessoal”, o chefe perguntou: “Que pessoal? Aonde vocês irão?” “Iremos a Palmeira d’Oeste, conseguimos suspender a ordem de prisão do chefe”. Ele, dirigindo-se à equipe, disse: “Cuidado”! “Eu irei com vocês para evitar que façam besteira, me parece que o pessoal de lá não tem nada de bobo, pois olhem o constrangimento que causaram para nós”. Disse que ficava penalizado em ter que tomar aquela atitude e que certamente no futuro a **Skala FM** conseguiria ser legalizada. Quando isso ocorresse faria questão de vir na inauguração.

Teimosamente, e respaldados pela ação judicial que movíamos, colocamos a **Skala FM** no ar novamente entre dezembro de 1998 e março de 1999, quando achamos por bem encerrar definitivamente suas transmissões e o processo da liminar na Justiça Federal para não atrapalhar o pedido de outorga de canal de rádio comunitária junto ao Ministério das Comunicações. A Lei das Rádios Comunitárias, finalmente, havia sido aprovada no Congresso Nacional.

Em Palmeira d’Oeste havia três concorrentes para instalar a rádio comunitária: a El Shadai, a Associação Comercial e a **Skala FM**.

A **Skala FM** saiu na frente. Obteve apoio maciço, manifestado por escrito, da população, de entidades, de empresas e autoridades. No final de março de 1999 enviou para o Ministério das Comunicações quatorze volumes encadernados contendo esses apoios e outros documentos exigidos.

Incontestavelmente a **Skala FM** estava mais estruturada. As chances das outras pretendentes eram praticamente nulas. O tempo passava e nada da outorga sair. De gente da concorrência que não queria ver a **Skala FM** vencedora saiu o boato que haviam colocado o canal de rádio comunitária para Palmeira d’Oeste na geladeira e que jamais teríamos uma rádio comunitária.

Apareceu a oportunidade de contratarmos um lobista famoso em Brasília através de um assessor de Deputado Federal. O “Luiz da Santa Paula” arrecadou o dinheiro junto aos associados para pagar, antecipadamente, os honorários exigidos. Caímos no conto do vigário. O processo da **Skala FM** permaneceu sem avançar. O sujeito não fez absolutamente nada!

Na época era sabido que o número de pedidos para rádios comunitárias era enorme e sobrecarregava os técnicos do Ministério das Comunicações. Mas, pelos boatos, o indicativo era que o processo da **Skala FM** estava “trancado na última gaveta de algum lugar de Brasília” por influência de não sei quem...

Talvez fosse interessante marcar presença na Capital Federal para agilizar o processo de concessão de outorga nas suas várias etapas, mas nós não tínhamos recursos financeiros para realizar esse trabalho.

O tempo passava e nada! Quem poderia nos ajudar? Precisávamos dar um jeito nisso!

Certo dia, o “Jurandir da Farmácia” (Jurandir Soares da Silva) me procurou e disse: “Menê (Hermenegildo Jose Ferreira), eu sei que você não vai gostar disso, pois envolve político, mas em conversa com meu amigo “Pancho” (Virgínio Genésio Bazzo) toquei no problema que a **Skala FM** está enfrentando...”

Seguiu-se o seguinte diálogo: “O Pancho disse que tem um amigo, lá em Brasília, que pode nos ajudar”. “Quem seria”? “Ah, um tal de Aloysio”. “Seria Aloysio Nunes Ferreira Filho”? “Isso... É este nome mesmo”. “Sabes quem é essa pessoa”? “Não”. “Ele é de São José do Rio Preto, é um influente deputado federal; esse realmente pode nos ajudar”.

O “Pancho” é amigo de longa data do Dr. Aloyzio e se dispôs usufruir dessa velha amizade para ajudar a **Skala FM**. O Dr. Aloyzio, na época, estava estabelecido com sua equipe de trabalho em Brasília, mais precisamente no Palácio do Planalto, como ministro-chefe da Casa Civil (“O ministro dos ministros”). O pessoal dele trabalhou direitinho lá em Brasília e aqui fizemos a nossa parte ajustando a documentação dentro dos parâmetros exigidos pelo Ministério das Comunicações.

Se a história do boicote fosse verdadeira, finalmente destrancaríamos o processo e colocaríamos na gaveta das prioridades.

Em julho de 2002, o Ministério das Comunicações emitiu a licença para funcionamento em caráter provisório. A licença para funcionamento em caráter permanente só sairia em 2004 por conta da burocracia.

Rapidamente colocamos a mão na massa e, finalmente, no dia 01 de setembro de 2002, a **Skala FM**, legalizada totalmente, iniciou suas atividades transmitindo na frequência modulada de 105,9 Mhz e potência de 25 watts no endereço da Rua Brasil 68-129, no município de Palmeira d'Oeste (SP).

Um longo e difícil caminho havia sido percorrido, iniciava-se outro...

A equipe operacional foi formada integralmente com voluntários, gente da cidade, amadores, competentes, autodidatas... A maioria apaixonada por rádio. Tem continuado assim até os dias atuais.

No início com Edson Rossini no comando e os locutores: Adelson Gaivota, Evandro Mingati, Severino Caffer, Cláudio Magalhães (Claudinho) e Reinaldo Savazi (Dodô).

No ano de 2003 foram admitidos na categoria de associados mantenedores:

- *Edson Domingos Martins Rossini;*
- *Hermenegildo Jose Ferreira;*
- *Paulo Afonso da Silva Nunes;*
- *Luiz Conceição Riguetto;*
- *Salvador Luiz Zanelati;*
- *Valdemar de Paula;*
- *Jurandir Soares da Silva.*

Em 2009, já em nova localização (rua João Frede número 5564) por iniciativa do Vereador Valdir Simensati de Moraes, o poder legislativo municipal aprovou e o prefeito José César Montanari promulgou a Lei Municipal nº 2187 declarando de Utilidade Pública Municipal a Associação de Desenvolvimento Artístico Cultural e

Social (**Skala FM**). Neste mesmo ano a emissora iniciou suas transmissões via internet através dos sites: www.skalafm.org.br e www.skalafm.com.br possibilitando o acesso a sua programação através de computadores e aplicativos de celulares

O “grosso” do capital necessário por um bom tempo veio dos associados mantenedores, mas significativas doações de pessoas e empresas da cidade ajudaram, e muito, na aquisição de equipamentos e na manutenção da emissora de rádio. Uma vez no ar, as receitas quase que integralmente são oriundas das empresas locais que são os seus patrocinadores.

Ao longo dos anos, muitas pessoas com seu trabalho voluntário das mais diferentes formas, como apresentadores, locutores, redatores, editores de áudio, repórteres, serviços gerais e outras formas têm ajudado na rotina diária da **Skala FM**.

Voluntários que ajudaram a construir a história da **Skala FM**: *Edson Rossini, Hermenegildo Ferreira (Menê), Valnei Montoro, Luiz Riguetto, Victório Rossini, Adelson Teixeira (Gaivotas), Severino Caffer, Reinaldo Savazi (Dodô), Evandro Mingati, Claudio Magalhães (Claudinho), Wesley Rossini, Francisco de França (Chico), Luciana Santos, Daniela Pagotti, Luis de Paula, Andressa Correia, Ludmila Lopes, Lucas Saravalli, Paulo Saravalli, Cleiton Lopes, Alessandro da Silva (Alex), Daniele Costa, Fernando Belucci, Jane Beltramini, Jeferson Pontel, Laurindo Pedrini, Cristina Dias, Edmar Neves, Valdir Barboza, Helio Nunes (Helinho), Maycon Zignani, Santo Santiago (Santinho), Tainá Brazero, Welington Tondini, Ana Caroline, Claudia Machuca, Gabriela Callegari (Gabi), Greicieli Gomes, Janaini Pastega, Micheli Meudo, Alice Prado, Bruna de Almeida, Bruna Andrade, Uelinton Carnelossi, Roberto da Silva, Alessandro da Silva, Adriana Turco, Elisangela dos Santos, Cristiane de Freitas, Hellem de França, Danieli Pimentel, Ana Paula Botassin, Ieda Santana, Ewelina Lima, Lorena Correia, Letícia Marçal, Marina Aloizio, Afonso Takahashi...*

A **Skala FM** é uma emissora de rádio sem fins lucrativos. Ela não tem dono e tem procurado levar para seus ouvintes entretenimento, informação e conhecimento através da sua programação musical, entrevistas, serviços de utilidade pública e notícias. Segue sua jornada contribuindo com a formação de pessoas e perseguindo o seu objetivo de ser um agente facilitador do desenvolvimento de Palmeira d'Oeste.

Skala FM, comunitária igual não há!



*Logo da Skala FM
desenvolvido e doado por Danilo Gerim*

Relatos de uma aventura - O começo de tudo nesta região

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2022

Meus pais, meus irmãos e eu viemos de uma fazenda próxima a Jardinópolis, região de Ribeirão Preto (SP), de onde saímos no dia 2 de setembro de 1946 e aqui chegamos no dia 5. Eram 8 horas da noite e eu contava com 13 anos de idade.

Gastamos três dias de viagem devido ao transporte da época com veículo modesto, estradas de terra pura e pontes de madeira rústica. Isso até Jales, pois de lá até Palmeira d'Oeste tivemos que vir ajeitando a picada da mata por onde passavam boiadas e mudanças. Então, pessoas da família (os homens adultos e os jovens) com facões, foices e machados vinham à frente do comboio aparando os cipós, os galhos de árvores, as tabocas e os pequenos arbustos para que o caminhão com a mudança pudesse passar e chegar ao seu destino, no nosso caso, Palmeira d'Oeste.

Chegamos à noite. Paramos em frente a um rancho de sapé e dormimos em cima do caminhão. O dia amanheceu e minha irmã Alaíde só chorava; eu e o meu irmão Wilson pulávamos de alegria ao ver tantos pássaros, veados mateiros e cotias (nunca cacei tanto na minha vida igual cacei aqui).

Marinópolis também não existia. Era um povoado com meia dúzia de ranchos de sapé e recebia, na época, o nome de “Vila Moreira”.

Atualmente, estou com 89 anos de idade dos quais, com muito orgulho, 76 deles vividos aqui em Palmeira d'Oeste.

Sou filho de João Antonio Ribeiro e Josephina Machado, o segundo filho deste saudoso casal. A primogênita é a mana Alaíde; depois de mim, vieram Wilson, Ivanilde, Ilma e o caçula, Dilson, este nascido em 1949 aqui em Palmeira d'Oeste!

Muitas são as lembranças que conservo registradas em minha memória. Lembro-me perfeitamente e com muita saudade do Sr. Orestes Ferreira de Toledo (agrimensor que demarcou todas as terras da região e o loteamento da vila). Sempre que precisava ir a Jales ele visitava meu pai e pedia autorização para que eu, com 13 para 14 anos, lhe fizesse companhia, isso na garupa de uma mula chamada “Borboleta”, que era o meio de transporte usado pelo Sr. Orestes.

Quando chegávamos a Jales, que só possuía a avenida central, atual “Francisco Jales”, nos alojávamos em uma pensão construída com madeira e coberta de sapé pertencente ao Senhor “Reliquias”. Ali, desarreávamos a mula, dávamos um banho na mesma e, com o embornal de milho que levávamos, dávamos de comer ao animal que havia nos transportado por mais de trinta quilômetros... Lá pelas 10 horas almoçávamos e, depois de seus afazeres, já na parte da tarde, ele me avisava que estava na hora de retornar. Então, eu preparava a mula novamente e regressava sozinho com recomendações especiais para com a mula (banho, comida, pastagem) e que eu não deixasse ninguém fazer uso da mesma (ele tinha muito ciúmes dessa mula).

Ele seguia para São José do Rio Preto (SP) e já deixava marcado o dia de sua volta, quando então eu deveria buscá-lo neste mesmo local e com a mesma “Borboleta”. Saliente-se que até Votuporanga (SP) o transporte era de “jardineira” e dali para Rio Preto era com o trem “Maria Fumaça”. Bons tempos!

Essa aventura de ir a cavalo de Palmeira d'Oeste até Jales eu repeti inúmeras vezes: ora levando e buscando o Sr. Orestes, ora acompanhando o Sr. José Roveri (primeiro farmacêutico de Palmeira d'Oeste), que mais tarde se casaria com minha irmã Alaíde, tornando-se, pois, meu cunhado. Muitas vezes fazia este trajeto para levar sacos de arroz em casca para serem “beneficiados” em máquina de “benefício” de arroz de Jales, uma vez que inexistiam em nossa vila... Outras tantas vezes, em companhia de um amigo por nome Antonio. Fazíamos este trajeto de carro de boi e com carga de mais de vinte sacos de arroz para serem limpos, beneficiados na pequena máquina de Jales. Às vezes chegávamos lá e tínhamos que entrar na fila, tal o número de pessoas que lá compareciam para o mesmo trabalho.

Muitos dias tivemos que soltar os bois para pastar, beber água e descansar; então pernoitávamos na fila para, no dia seguinte, cumprirmos nossa missão. Às vezes, tínhamos que ficar mais de um dia, mais de uma noite. Vale ressaltar que dormíamos ali mesmo, em “camas” improvisadas sobre o monte de palha (cascas) de arroz, sob a luz do luar, contemplando as estrelas e sonhando com o futuro, coisas de adolescentes!

O início do povoado e a sua evolução

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Palmeira d'Oeste possuía apenas uma rua, a Marechal Rondon (nome posteriormente modificado para avenida Antonio Fernandes Garcia), ladeada por pequenos ranchos de sapé, algumas casinhas de pau a pique, a modesta farmácia do Zé Roveri (construção de tábuas), uma humilde capela (construída por José Vicente Vicente, de pau a pique, coberta de sapé e altar feito com um tronco roliço de árvore), a pensão do João Siqueira, bem ali onde era a oficina do Mário, na rua Brasil, número 52-91, que era um misto de alojamento e boteco (ela era coberta de sapé e a frente, onde funcionava o “boteco”, era coberta de telhas comuns). Na esquina, onde hoje está a quadra municipal, tinha uma casa de pau a pique embarreada, onde era a loja do Sr. Nelson Simão e outros ranchos onde residiam o Horácio Silvestre, o José Eufrásio e suas respectivas famílias.

Em zona rural ninguém falava, pois, os primeiros habitantes deste sertão bravo eram chamados de “posseiros”, pessoas que se aventuravam pela floresta para ganhar a vida. Uns “tomavam conta” de propriedades de alguns fazendeiros que residiam distantes, como Ribeirão Preto, Araraquara, São José do Rio Preto e outras regiões.

Os primeiros moradores vieram para cá em 1930. Era a família do Manuel Francisco de Almeida (mais conhecido como Manezinho Baiano). Eles moravam na cabeceira do Córrego do Cervo. Ele era posseiro, aliado ao coronel Joaquim de Lima Moreira, proprietário da Fazenda Palmital, de doze mil e setenta alqueires de terra virgem!

Em 1939 foram vendidos quinhentos e cinquenta alqueires para Thomaz Vicente Vicente, que destinou cem alqueires para seu filho José Vicente Vicente e

cinquenta alqueires, no Córrego da Laranjeira, para o senhor Ângelo Scarpim, seu antigo conhecido e meeiro em sua fazenda na região de Pindorama (SP).

Otávio Scarpim, filho de Ângelo Scarpim, disse que quando José Vicente Vicente decidiu fundar um “patrimônio” em suas terras, loteando parte dela, iria chamá-lo de “Nova Pindorama” para homenagear sua cidade de origem.

Orestes Ferreira de Toledo, agrimensor, fez a demarcação dos lotes e sugeriu o nome de Palmeira d’Oeste devido ao grande número de palmeiras existentes no local (principalmente “gairovas”, também chamada de guariroba), o que foi imediatamente aceito pelo Zé Vicente.

Ironicamente, não temos nenhum “pé de gairova” em nosso jardim da praça da matriz, hoje chamada de “José Vicente Vicente”, numa justa homenagem ao seu fundador.

Não havia segurança nenhuma. Cada um vivia do jeito que queria e que lhe trazia certo conforto. Criavam-se aves, porcos, cabritos e viviam da caça, sem muita preocupação com o futuro.

Tinha um caboclo que morava lá pelas bandas do Córrego do Coqueiro que se vestia com roupas feitas de couro de cateto; cheirava tão mal que nem os animais conseguiam ficar perto dele. Sujeito arredo, quando começaram a chegar os novos moradores, ele foi embora para o lado do Mato Grosso.

Tinha também um caboclo antigo, o José Basílio, este só caçava, cuidava dos seus animais e da sua tropa. Sua casa era toda aberta, os animais entravam e saíam na hora que queriam.

Conheci, no Córrego do Macumã, o Sr. Ângelo Galletti, Dona Floripe, Família Ressude. No Córrego da Laranjeira conheci a primeira família que se aventurou por aqui, a Família Scarpim e, também, o Sr. Joanas, administrador da fazenda do César, de Ribeirão Preto. Na Cacique, conheci o Antônio Miranda, Inocência, Pontes, a família dos italianos e a família dos alemães. Conheci a Família Pazzini, que veio da mesma região da minha família (Jardinópolis). Moravam no final do Córrego do Cervo. Também tinha a família Cestari e ainda o José Gonçalves.

O rio São José dos Dourados teve sua ponte de madeira destruída pelo fogo. Como o rio era pequeno, podia-se atravessá-lo com facilidade. Do outro lado residia o Tiburção, com quem meu saudoso pai, certa vez, negociou alguns porcos e eu fui buscar atravessando o rio com carroça de roda de pau!

A economia desse período, após as derrubadas, girava em torno da produção abundante de arroz, milho e feijão e, mais tarde, de café e de algodão.

A cultura do algodão foi trazida e implantada em nossa região pelos imigrantes japoneses que, desde o início dos anos 50, aportaram por aqui e colaboraram, e muito, com o desenvolvimento e o progresso de nossa região.

Como em todas as regiões brasileiras, aqui também se registram muitas “estórias” fantásticas sobre “lobisomens”, “almas doutro mundo” cobras gigantes e, principalmente, histórias de onças. Eu andei por este sertão todo, em plena mata, durante mais de dezenove anos e, francamente, nunca me deparei com uma onça! Havia muita jaguatirica, cateto, queixada, anta, veado mateiro, mas onça mesmo eu nunca vi...

A vila começou a crescer e se tornou conhecida depois que o Sr. José Vicente vendeu a parte loteada para o senhor Inocêncio Figueiredo, que começou a trazer muitas famílias da região de Catanduva e comprou também esta gleba, onde se alojaram as famílias Secafen, Garé, Bufon e outras mais. Todas adquiriam o seu pedaço de terra, providenciavam as derrubadas e, em seguida, a plantação de café. Como as terras eram muito boas, férteis e propícias para esse tipo de cultura, em pouco tempo as terras estavam reflorestadas, só que agora com os cafezais, cuja produção, por várias décadas, foi a base da economia de Palmeira d'Oeste e região.

Mais tarde, a Fazenda Cacique que se tornou famosa e muito conhecida pelas famílias que não cessavam de aparecer por aqui vindas de várias regiões do estado de São Paulo e até de outros estados do Brasil, foi dividida em propriedades menores e vendidas pela CAIC (Companhia de Agricultura, Imigração e Colonização). Nada mais, nada menos do que oito mil alqueires. Com isso, foi surgindo e crescendo cada vez mais não só a vila, que se transformou em distrito e, logo em seguida, município, como também a grande zona rural. Agora já não era mais a monocultura que prevalecia e sustentava toda a região: plantava-se também o amendoim, a mandioca, o arroz, o milho e o feijão, além do próprio café que cobria toda a área outrora recheada de angicos, aroeiras e outras árvores.

A cultura do algodão também foi grande fonte de trabalho e muito colaborou com nossa parte financeira. Com relação à produção cafeeira, vale ressaltar que foram mais de três décadas de grandes colheitas anuais. A produção era garantida pela excelente qualidade do solo e pelo bom tempo que fazia com chuvas regulares. Nem se cogitava adubar as terras.

Palmeira d'Oeste fez parte do seletto grupo de maiores produtores de café do Brasil. Chegou a ter, aproximadamente, trinta mil habitantes residindo principalmente na zona rural. Depois de meados da década de 70, as intempéries da natureza foram afetando sobremaneira os cafezais: secas de três, quatro meses seguidos, chuvas de granizo, geadas e a “ferrugem”, terrível doença que assolava os cafezais da região. As lavouras foram enfraquecendo, muitas foram erradicadas e, já de 1980 para a frente, sobraram poucos pés de café mantidos em pouquíssimas propriedades e para consumo próprio! Uma tristeza, pois o café, além de representar grande importância para a economia, também garantia o emprego dos chamados meeiros. Famílias inteiras se formavam através do cultivo, do trabalho e da produção do chamado “ouro preto”.

Com a ausência do café houve o grande êxodo rural; a partir de meados dos anos 70 famílias e mais famílias se mudaram de Palmeira d'Oeste e foram engrossar as cidades consideradas propícias para empregos. Foram trabalhar principalmente em fábricas de fiação e tecelagem. Americana, acredito, foi uma das cidades que mais lucrou com o êxodo rural de nossa região. Depois vieram outras cidades, como São Carlos, Limeira, Santa Bárbara d'Oeste, Campinas e também São Paulo, a nossa capital.

Outras famílias resolveram empreender, adentrando mais no sertão do estado do Mato Grosso, principalmente na região de Mirassol d'Oeste.

Com relação às festividades de nossa região, no início de 1950, contando parece folclore, mas era natural que casamentos, batizados, crismas e outros

sacramentos fossem ministrados e recebidos na cidade de Jales. No caso de casamentos, iam-se a cavalo os noivos, os padrinhos e os convidados numa verdadeira romaria.

A Natureza daquela época...

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2022

Quase todas as cidades do Brasil têm suas origens em baixadas, algumas bem próximas de rios e até do mar. Era estratégico, pois facilitava a “produção”, digamos assim, de água potável para a subsistência humana e, também, dos animais. Por isso as residências (ranchos de sapés, casas de pau a pique, ou de barro) eram construídas nas baixadas. O mesmo acontecia com as estradas, verdadeiras picadas, abertas na vegetação mais fraca, rasteira e que facilitava sua “construção”.

Os riozinhos, popularmente chamados de córregos, só possuíam água quando chovia, pois as matas existentes não propiciavam a existência de águas correntes.

Com o passar do tempo e com as chuvas que caíam abundantemente, as derrubadas foram acontecendo e as grandes extensões de mata virgem foram transformadas em ricas lavouras de café, milho, banana (Palmeira d’Oeste foi o maior produtor de bananas do estado de São Paulo no início da década de 60), algodão, amendoim, mais tarde de laranja, limão e outras culturas... Assim, as “águas” subiram das profundezas da terra e surgiram os córregos e lagos. Então, quando chovia aparecia o lamaçal (os barreiros, atoleiros) nas baixadas das estradas e as mesmas tiveram que mudar de lugar. O mesmo aconteceu com as residências, que também mudaram de aspecto para maior conforto dos habitantes. Evoluíram e agora eram casas de tábuas e muitas de tijolos!

Na época que cheguei aqui nessas paragens, as aguadas, como temos hoje, não existiam, apenas o rio São José dos Dourados era realidade, mesmo assim de largura e profundidade limitadas, tanto que se poderia atravessá-lo a pé.

Os nossos córregos mais conhecidos, como o Córrego da Anta, Córrego do Coqueiro, Córrego do Cervo, Córrego do Sucuri e outros mais eram apenas baixadas úmidas, não havia água corrente, só mesmo quando chovia... E naquela época chovia muito, então os “córregos” passavam a ter água corrente; de resto era tudo seco, inclusive a água para beber, cozinhar e outras utilidades era conseguida através dos poços, as ditas cisternas, que eram de difícil construção, pois eram profundas e as pedras dificultavam a perfuração para se encontrar o precioso líquido...

Tínhamos nossas matas, campos, poucos cerrados e apenas um rio.

A vegetação nativa proporcionava a existência de várias espécies de animais silvestres: cateto, anta, capivara, cutia, tatus, lagartos, veados (principalmente o “mateiro”, espécie com chifre encapado também chamado de “guatapará”), paca, macacos e outros mais.

Na época a caça não era proibida e, pela condição financeira dos habitantes do sertão, aliada às condições precárias de sobrevivência, ela era um dos fatores de sobrevivência dos heróis sertanejos que, após capturarem os animais, os transformavam em alimento diário.

Não havia geladeira, sequer energia elétrica. As “carnes” eram curtidas no sal, estendidas em varais, expostas ao sol para sua conservação e posterior consumo.

Aves existiam em abundância: curiango, pássaro preto, bicudo, o jaó, o jacu, a codorna, o inhambu, além de periquitos de várias espécies, como maracanãs, maritacas, papagaios e até araras. Muitas dessas aves ficavam tão amigas dos moradores que vinham comer milho no terreiro das pacatas residências, misturando-se com as galinhas, patos e outras aves domésticas.

Nossas matas eram quase todas de árvores centenárias, muita “madeira de lei”, cuja terra onde estavam eram muito férteis, apropriadas para as futuras lavouras cafeeiras. Além das enormes palmeiras (coqueiros de várias espécies, principalmente gairova), havia os jatobazeiros, os angicos, as aroeiras, as patacas (também conhecidas como pau-terra), farinha seca, perobas, cedro e poucos ipês, enfim, a mata era muito boa mesmo.

Na época das derrubadas, os “machadeiros”, muitas vezes, gastavam três ou mais horas para derrubar um angico, tal a sua rigidez, principalmente do chamado “angico preto”. Muitas pessoas tiravam as cascas dos angicos para serem usadas nos curtumes de couro, prática que durou muito tempo, até a diminuição considerável desta espécie de árvore. Outra árvore que servia diretamente aos “sertanejos” era a chamada “jaracatiá”. O interior dos caules do jaracatiá, chamado “miolo”, mole e adocicado, era usado na fabricação artesanal do doce “tijolo-baiano”.

Tinha um engenho de cana-de-açúcar no Córrego do Coqueiro, tocado por animais (cavalos, burros e bois) onde retiravam o miolo do jaracatiá para fazer o “tijolo-baiano”. Retirado o miolo do jaracatiá sobrava um tubo, com casca de 3 a 5 centímetros, muito utilizado para armazenar feijão para evitar carunchos. O jaracatiá dava frutos parecidos, em forma e sabor, com pequenos mamões muito apreciados pelos macacos. Acho que esta árvore atualmente está extinta em nosso município.

Uma curiosidade sobre a existência de dois jatobazeiros existentes na vila que começava a crescer: distantes uns quatro ou cinco metros um do outro, serviam de “cadeia” para os chamados “arruaceiros”.

A autoridade policial não era formal. Era designado um morador local chamado de “bate pau” e trocado de tempos em tempos.

O primeiro “bate pau” penso que foi o Bráulio, um sujeito que antes morava na Vila de Estrela d'Oeste.

Os arruaceiros eram amarrados nos troncos dos jatobazeiros e só eram libertados quando o dia amanhecia. Daí rumavam para seus ranchos, suas moradias, e o “castigo” recebido servia de reprimenda por alguma temporada... Quando os conflitos envolviam problemas mais graves, os responsáveis eram enviados para Votuporanga ou Pereira Barreto, cidades referências para aquela época.

A primeira missa

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2022

Houve um período em que, por “divergências” entre Pereira Barreto e o Dr. Euphly Jales, que era o maior nome da região, a Vila de Palmeira d'Oeste foi dividida

ao meio, ficando parte pertencente a Jales e parte pertencente a Pereira Barreto. Imaginem alguém morando do lado pertencente a Jales e com propriedade rural do lado de Pereira Barreto! A pessoa tinha que pagar impostos nas duas cidades.

A divisa era no meio do grupo escolar da época, onde hoje está a Lanchonete Cerejinha, na rua Brasil, número 50-45.

A primeira missa aqui celebrada ocorreu numa igreja improvisada. Foi no armazém do Penteado, onde hoje é a quitanda Cheiro Verde, na rua Brasil, número 5033. O padre que veio celebrar a missa e realizou os batizados veio de Pereira Barreto e, ao contrário de harmonia e celebração, houve muita briga.

Veio uma turma de jagunços de Pereira Barreto para garantir a segurança do padre e outros jagunços do Euphly Jales ficaram amoitados nos matos com carabina e outras armas, que era para não rezar a missa.

Naquele tempo andava todo mundo armado com revólver. O Zé Cáide já morava aqui. Ele tinha uns jagunços também e ficaram amoitados no meio da mata, com umas carabinas, em frente ao que é hoje a praça da igreja matriz. Havia, de ambos os lados, os radicais que queriam ser os donos da vila. Tinha muita gente armada escondida nas matas e representavam verdadeiro perigo para os que se declaravam deste ou daquele lado. De qualquer forma, a Santa Missa foi celebrada. Meu irmão Dilson foi batizado naquela oportunidade, juntamente com outras crianças da época, como o Sudário Borges e o Ataíde Cestari. Todos nascidos aqui e já com dois ou três anos de idade...

Os cemitérios

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Com relação aos cemitérios, naquele tempo não havia um cemitério oficial. Quando alguém morria era sepultado na beira do Córrego do Coqueiro (Eita!!! Língua maravilhosa!), com os caixões sendo fabricados em casa mesmo, com tábuas rústicas. As mulheres adornavam as urnas com tecidos de cores variadas, representando a faixa etária dos falecidos: se meninos, a cor era azul, se menina, cor-de-rosa; moças, jovens solteiras, cor branca; senhoras e senhores de meia idade azul escuro e para os velhos os caixões eram revestidos de tecido de cor preta!

As flores que cobriam os corpos sem vida eram todas naturais, colhidas nos campos e nos quintais das residências.

Na fazenda do Domiciano também havia um “cemitério” e muita gente que morria por aqui era sepultada lá.

Ao lado do primeiro cruzeiro, lavrado por um senhor por nome Donato Botta, que era carpinteiro, foi construído um coreto, local onde se realizavam os leilões de prendas com frangos, bolos, leitões e cabritos para arrecadação de dinheiro que seria destinado para a futura construção da igreja. No pé desse cruzeiro foi sepultado o corpo de um homem e, posteriormente, muitas pessoas foram sepultadas em torno deste local, que hoje é a praça da igreja matriz. Tempos depois, com uma área

determinada para o cemitério atual, os restos mortais foram exumados e transportados para aquele campo santo!

O cinema

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Com relação à parte cultural, recordamos com certa emoção do primeiro cinema da cidade, construído pelo Sr. Antônio Barbosa de Oliveira, pai do amigo Benvilar. Era uma construção de tábuas na esquina da rua Brasil com a avenida Euclides da Cunha e funcionava precariamente. Mais tarde, já com a presença de energia elétrica e com a intervenção do José Roveri, a família Magid construiu e explorou, por algumas décadas, o inesquecível Cine Brasil (possuía instalações e projetores de ponta para a época), o qual deu vida e muitas alegrias a todos os palmeirenses e moradores de outras comunidades que já existiam na época.

Os filmes eram exibidos às quartas-feiras, sábados e domingos (em alguns feriados também). Só para ilustrar, o filme mais visto, com toda certeza, foi a *Paixão de Cristo*, que era exibido na Sexta-Feira Santa, em várias sessões, começando às 14 horas e se repetindo até meia-noite!

Era a época dos artistas famosos do cinema internacional: Kirk Douglas, Jean Paul Belmondo, Elizabeth Taylor, Gina Lollobrigida, Sophia Loren, Brigitte Bardot, Mazzaropi, Ankito, o Gordo e o Magro e por aí afora.

Nessa época áurea muitas duplas de sucesso eram contratadas para se apresentarem no palco do cinema. Assim vieram e fizeram belíssimas apresentações: Cascatinha e Inhana, Vieira e Vieirinha e os eternos e inesquecíveis Tônico e Tinoco. Mais tarde, já com as famosas Festas do Peão Boiadeiro, muitos desses artistas, e outros mais, retornaram à nossa cidade, desta feita, em apresentações nesses eventos.

Machadeiro

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Em minha juventude, curtida em pleno sertão, fui “derrubador” de árvores, popularmente conhecido como “machadeiro”. Assim era chamado o sujeito que era contratado para derrubar o “mato” para posteriores plantações de café, arroz, milho, feijão e outros cereais.

Às vezes eu pegava uma empreita para derrubar alqueires e mais alqueires de matas, tudo no machado. Arrumava alguns companheiros e nos embrenhávamos na mata, onde construíamos cabanas cobertas de folhas de coqueiro. Ali cozinhávamos, dormíamos em camas feitas com madeira, tipo tarimba, e forrávamos com capim jaraguá.

O relógio para nós era o Sol. Trabalhávamos semanas inteiras derrubando árvores e mais árvores. As mãos ficavam marcadas. Até hoje tenho calos do cabo do machado. Chegava a dar câimbras nos dedos!

Havia entre os “machadeiros” uma disputa, vejamos só, para se apurar quem derrubava mais árvores em determinado tempo (coisa de jovens daquela época). Os colegas Tunicão do Benvindo, Zé do Chiquinho, o Bento, o Altino, todos queriam ser o melhor... Quando topávamos com um jatobazeiro bem grande, juntávamos em quatro machadeiros para derrubá-lo!

Recordo-me de um pequeno episódio quando estávamos derrubando uma grande árvore: eu e o Baiano Divino fazíamos o corte transversal, chamado “barriga”, enquanto meu irmão Wilson e o “Seu Zé” (outro baiano) trabalhavam nas costas do jatobazeiro. De repente o machado do meu irmão saiu do cabo e como um raio atingiu a perna do “seu Zé”, mais precisamente na região da “barriga da perna” (panturrilha). O sangue se fez presente em segundos, alarmando a todos nós. Imagine, naquele “fundão de meu Deus”, longe de casa e distante de socorro, o alvoroço que foi. Tive uma idéia brilhante para aquele momento: retirei do pescoço o lenço que usava para me defender dos mosquitos, amarrei-o com firmeza na perna machucada e urinei sobre ela na tentativa de diminuir a dor e estancar o sangue que teimava em jorrar em grande quantidade.

Passado o susto e feitos os “primeiros socorros”, veio a grande dúvida: o que fazer com o amigo? Andar ele não conseguia, então carregá-lo nas costas seria uma alternativa. Como eu era o mais forte, tinha meus 18 ou 20 anos, não tive dúvidas: agachei-me um pouco e ele se acomodou em minhas costas ajudado pelos outros dois companheiros. Saí andando passo a passo com ele no meio de galhos, espinhos e toda a dificuldade do momento até atingir a picada, onde nossos animais ficavam amarrados. Ali arriei meu cavalo e consegui colocá-lo sobre o lombo do mesmo. Depois de algum tempo chegamos na estrada que ficava próxima, onde hoje é o motel. Em seguida, rumamos para Palmeira d’Oeste.

Chegados em casa e ele foi submetido a tratamento com “erva-de-santa-maria”, óleo de mamona e outros “medicamentos” caseiros, comuns e eficientes para a época.

Em sua casa ele permaneceu durante quarenta dias deitado e sem fazer nenhum esforço físico. Sequer precisou ir para um posto de saúde ou hospital. No final das contas se curou, voltou a trabalhar mais algum tempo e depois retornou para sua terra natal...

Tragédia no campo de futebol

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Como toda história de vida, muitos fatos marcantes, inesquecíveis e até inusitados povoaram a minha juventude. Um deles, talvez o que mais guardei na memória, foi uma briga ocorrida entre jogadores de futebol do time que eu jogava. Nosso time tinha um goleiro muito bom e estava há dezenove jogos invicto. Imagine só a alegria de nossos torcedores.

O campo era ali onde hoje é a Santa Casa, na esquina formada pela avenida Carlos Gomes e a rua São Paulo (hoje rua Marechal Humberto de Alencar

Castelo Branco), perto da minha ex-farmácia, e era uma festa todos os domingos quando o time se apresentava diante de adversários da região.

Num belo domingo veio jogar contra o time de Palmeira d'Oeste o bom time da Vila de Ourinhos d'Oeste (hoje município de Aparecida d'Oeste), que tinha uma rixa com o nosso time. Não sei o porquê, não me recordo o motivo, mas de repente, explodiu uma briga entre jogadores e torcedores. Um senhor foi dar socorro ao filho tentando proteger suas costas, jogador envolvido na briga, e acabou sendo esfaqueado no tumulto, vindo a óbito. O filho matou o próprio pai. Um outro amigo, que estava de botas, foi dar um pontapé num "adversário" e acabou escorregando no capim, caiu e tomou seguidas facadas, o que fez com que ele também morresse. Nessas alturas foi um corre-corre. Gente procurando machado, foice e pedaços de pau para enfrentar os agressores. Outros tentavam apartar, mas a briga já estava generalizada. Meu irmão Wílson e eu não tivemos dúvidas, corremos mais que o vento, cortando o "margozeiro", e fomos para o sítio de onde só regressamos ao local do tumulto algum tempo depois, quando tudo estava serenado e os dois corpos sem vida permaneciam no gramado...

Acabou o jogo!

Aquele time de Palmeira d'Oeste ficou marcado com esta tragédia e foi definhando até acabar....

Mário Serra e seu revólver 38

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Certa ocasião fui eu e o Mário Serra em Marinópolis levar arroz para limpar. Naquele tempo só lá é que tinha uma pequena máquina de beneficiamento de arroz e limpava poucos sacos por dia.

Nós levamos dois sacos de arroz, cada um, na garupa de nossos cavalos. Entramos na fila para limpar o arroz e ficamos esperando a nossa vez.

"Seu" Mário Serra era homem calmo e muito educado.

Daqui à Marinópolis era só mato! Ele, precavido, pôs um revólver calibre 38 cano longo na cinta e fomos. Era o tempo de "bate pau" (assim era chamada a autoridade policial informal dos pequenos povoados da época). Eu e ele estávamos deitados meio encostados na pilha de sacos de arroz.

O avô do Osvaldo Rosseti era dono da máquina. Chegou e falou para o Serra:

- Por que esse revólver? Vou te tomar ele!

O Serra, muito educado, respondeu-lhe:

- Acho que o senhor não vai fazer isso.

O avô do Osvaldo:

- O senhor sabe quem eu sou?

O Serra:

- Não.

O avô do Osvaldo:

- Eu sou o "bate pau" daqui.

O Serra:

- O que é isso?

- Nunca vi falar disso.

O avô do Osvaldo:

- Sou o delegado. Vou tomar o seu revólver e te prender.

O Serra:

- O senhor sozinho?

O avô do Osvaldo:

- Vou buscar meus homens (o “bate pau” possuía um grupo informal de apoiadores que era requisitado quando achava ser necessário).

O Serra:

- Nesse revólver o senhor não põe a mão.

- O senhor sabe ler? (não era desdém, naquele tempo o número de analfabetos era grande).

O Serra abriu calmamente sua jaqueta, pegou um documento no bolso de sua camisa e o entregou ao avô do Osvaldo.

O velho, ao ler o documento, tremeu... Ali ele descobriu quem era o Serra (fiquei surpreso também). Era um tenente do exército brasileiro, um oficial da reserva e aquele revólver calibre 38 o acompanhava desde os tempos do serviço ativo.

A morte do Sebastião Alimírio

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2022

Outro fato ocorreu na frente do armazém com o boteco do Américo Dias (ele havia comprado o boteco do Penteado) ao lado do Grupo Escolar da época, onde hoje é a Quitanda Cheiro Verde, na rua Brasil, número 5033 e onde os “mais atirados” se reuniam para conversar e contar suas proezas.

Havia um tal de Sebastião Alimírio, mais atirado que os outros, que sabidamente andava armado com uma garrucha e resolveu atacar o filho do André Ressude, o José Ressude, chamando-o de grileiro de terras e outros impropérios. O José Ressude, que também andava armado, sentindo-se ofendido, sacou de sua arma e deu um tiro no meio da testa do Sebastião, o tiro foi certo e o Sebastião Alimírio caiu morrendo sem largar a garrucha da sua mão.

O José Ressude desapareceu como por uma mágica e até hoje ninguém sabe por onde ele anda...

Uma pendenga

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2022

Vi o José Gasques bater no Augusto Blefe, o motivo não me lembro. O Gasques montado em seu cavalo “pregando” o reio no lombo do Blefe. O Blefe “sacou” um revólver 32 e deu um tiro no Gasques que caiu do seu cavalo. O Blefe

saiu correndo, entrou num corredor entre a casa do Yamanoi e o cartório do Pantaleão, na rua Brasil; escapou pelos fundos e se escondeu na chácara de um japonês compadre dele, depois foi para local mantido em sigilo.

Puseram o atirado numa cadeira na área do cartório, eu aplicando soro nele e o Dr. Paulo Costa aplicando injeção de coramina (a Santa Casa ainda não existia). Assim foram os primeiros cuidados até se conseguir arrumar um caminhão, daqueles puxadores de tora para levá-lo à Jales.

O José Gasques escapou dessa, ficou bem.

O Pedro Gasques, filho do velho, arrumou um advogado que tinha aqui, o Dr. Mileno, só tinha ele.

Blefe era primo do Roveri que era amigo do pernambucano Dr. Mileno.

Durante uns dois anos, mais ou menos, o Blefe vinha a Palmeira às escondidas, só à noite.

A certa altura do processo corrente na justiça, Dr. Mileno, sabedor de que o Blefe estava em Votuporanga, procurou o Roveri e disse para o Roveri falar para a sua prima dar-lhe quatro mil cruzeiros que então livraria o Blefe da prisão e poderiam buscá-lo.

O Roveri disse: - Você deve estar brincando.

Dr. Mileno: - Não estou... Isso é verdade.

O Roveri foi até lá, mas ela só tinha dois mil cruzeiros. Dr. Mileno achou que era muito pouco.

Passados dois dias, Dr. Mileno voltou e disse para o Roveri:

- Vai lá na sua prima e fala pra ela dar os dois mil cruzeiros, depois pega a sua perua cupê e nós vamos juntos buscar o Blefe.

O Roveri perguntou:

- O senhor garante?

Dr. Mileno:

- Garanto, o dinheiro do Gasques acabou. Ele mandou parar o processo.

Foram buscar o Blefe e ele ficou livre.

Êta advogado esperto...

O fogaréu

Esmeraldo Antonio Ribeiro

2022

Lembro de um fogo que ficou na história de Palmeira d'Oeste. O Elizeu Caprara também não esquece, foi em 22 de agosto de 1953.

O fogo veio do lado de São Francisco.

Eu, o Wilson, três peões e mais gente de sítios vizinhos estávamos derrubando mato no Córrego do Jaguará.

Quando percebemos o fogaréu chegando... Já era tarde. Só deu tempo para arriar os animais e se mandar dali.

O Altino, o Tunicão e eu percebemos que chegar a Palmeira não dava mais tempo. Descemos para o Córrego do Coqueiro, paramos no Inocêncio Pontes e lá o

rancho era de sapé. Amarramos os animais. Secamos dois poços, uns tirando água e outros jogando em cima dos ranchos; e Deus deu a sua mão: o vento levou o fogo para os lados da Fazenda Cacique.

Que desastre! Tudo resultado das derrubadas de mato e do tempo seco.

Para escapar do fogo, muitas famílias entravam nos poços de suas residências. Queimou tudo: casas e até os chiqueiros dos porcos de ceva.

O fogo veio de longe e foi longe, atravessou do outro lado do rio São José dos Dourados.

Nossos pais e os vizinhos não morreram queimados por sorte, pois os barrancos do Córrego do Jaguará eram altos, eles se protegeram deitando dentro dele.

O Belmirão era lerdo, a mulinha dele também, salvou-se porque entrou no córrego com a sua mulinha. Como ela não deitava teve o seu lombo sapecado pelo fogo.

Quando o fogo passou, no outro dia, voltamos para casa com medo e achando que tinha alguém morto ou queimado. Era galho de árvore caindo, fumaça demais e nossos pais desesperados, mas graças a Deus todos estavam bem.

No nosso sítio o fogo queimou tudo: os ranchos, as ferramentas... Só não queimou o que era de ferro: os machados, as foices e as panelas.

Foi um dos grandes apuros passados por aqui e o que mais me deu medo.

Juca Valentão

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Em 1947, num sábado, Sol indo embora, eu e meus irmãos (Alaíde e Wilson) tínhamos chegado do trabalho na roça. Meu pai tinha ficado por lá ainda na labuta. Nosso rancho era na beira da estrada linha zero, próximo ao matadouro municipal, às margens do Córrego do Cervo.

Chegou um cavaleiro, um senhor de boa aparência e com uma bela moça sentada na garupa do seu cavalo. Demos as boas-vindas ao casal:

- Boa tarde.

Ele disse:

- Boa tarde, vocês poderiam nos dar água para beber?

Minha mãe, notando o cansaço dos viajantes, disse para que apeassem do cavalo, entrassem no rancho e se sentassem. Nós, caipiras e curiosos especulamos querendo saber de onde eles eram moradores e descobrimos que eram de Vila Palmira (hoje a cidade de General Salgado).

Minha mãe havia tirado uma fornada de pão quentinho; no coador de pano coou um café daqueles moído no moinho de mão e serviu a eles. Eles adoraram! Percebemos que estavam com muita fome.

Perguntamos:

- Como se chamam?

O senhor disse:

- Me chamo Juca e ela se chama Alzira.

- A Vila de Palmeira é perto daqui?
- Vamos ver se arrumamos serviço por lá.

Esclarecemos:

- Sim, vocês estão chegando, esta pertinho.

Minha mãe embrulhou um pão em um guardanapo de pano e deu a eles para seguirem à frente. O casal agradeceu.

Chegando à Vila de Palmeira, armaram uma barraca rústica embaixo dos dois jatobazeiros que existiam no início da vila. Juca era poceiro (cavava poços para obtenção de água) e Alzira era a sua sarilheira (retirava a terra da escavação com balde, corda e saril).

O casal, aos sábados e domingos, às vezes, fazia visita em nossa casa para tomar um cafezinho e prosear.

Trabalharam por aqui uns três meses e sumiram do mapa.

A estrada para o rio São José dos Dourados seguia as baixadas acompanhando o Córrego do Cervo.

Após uns trinta dias, certa noite, Juca retornou. Agora conhecedor das pessoas que moravam no trajeto dessa estrada e da Vila de Palmeira, junto com outro companheiro, voltou para fazer suas estripulias.

Passou na sede da fazenda do Joaquim Moreira, lá estavam o Walter, o seu tio Diolino e sua esposa Dona Diná professora. Juca chegou, foi entrando, ameaçou e disse: - Eu quero a sua carabina e as “balas” (munição da carabina) que você tem aí. Dona Diná, assustada, desmaiou. Juca e seu companheiro saíram de lá com a carabina e as “balas” do Walter Moreira.

As vítimas seguintes no trajeto da estrada seríamos nós. Pararam na frente do nosso rancho e os cachorros começaram a latir. A Lua era cheia, a noite estava clara. Nosso rancho de pau a pique estava apenas com os quartos embarreados (rebocados), as paredes da sala ainda só com os paus que possibilitavam a visão do que estava acontecendo lá fora. Meu pai viu dois homens parados com seus cavalos na beira da estrada e ouviu um deles dizer:

- Aí não vamos não!

Deveria ser o Juca nos poupando, por não saber que meu pai tinha uma espingarda. Será que ele sabia? Se este foi o caso, poupou-nos por gratidão.

Partiram rumo a Vila de Palmeira, eram em torno de nove horas da noite. No outro dia fiquei sabendo que fizeram, também, uma visitinha à farmácia do Zé Roveri. O local era ponto de encontro dos poucos moradores da vila. Zé Vicente, Orlando Vicente, Edílio Ridolfo e Evaristo Preto estavam “colocando suas conversas em dia” sob a luz de um lampião naquela noite. Os dois chegaram, apearam de seus cavalos, entraram na farmácia e Juca disse:

- Vocês me conhecem, sou o Juca Valentão, quero as balas para revólver 38 que sei que todos vocês têm.

Sem discussão, todos entregaram as balas que tinham fazendo essa “doação” forçada. De quebra ainda resolveu levar, sem pagar, uns medicamentos da farmácia do Zé Roveri. Saíram, nessa derradeira passagem por aqui, dizendo que passariam pelo Porto do Taboado rumo ao Estado do Mato Grosso.

Esta é a estória do Juca Valentão!

A Argentina fogosa

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Conhecida por Luzia Vargas, uma argentina casada com Domingos Vargas, também argentino era boa pessoa, trabalhava no pesado, fazia cercas, fazia derrubadas... Mas tinha um defeitinho: era chegada num “criolo”.

Evaristo Preto, assim ele era conhecido, vinha na Vila de Palmeira e ela pulava na garupa do cavalo dele e ficava dois... Três dias alongada... E o seu Domingos esperando-a voltar... Corria o boato na vila que Evaristo e Luzia eram “amantes”. O caso durou até quando mataram o Evaristo Preto.

O próximo amante da Luzia foi o Sixto Preto. Perdurou durante alguns anos até a morte do Sixto.

Mais um amante, agora o Zacarias das Neves, por algum tempo até a morte do Zacarias.

Luzia Vargas, uma amante fatal!

Donato Botta

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Um dos pioneiros, Donato Botta, chegou por aqui no mesmo ano em que o Zé Roveri e o Bizeli chegaram. Sua esposa, com filhos pequenos, não resistiu à brutalidade do sertão, separou-se do Donato e foi embora com os seus filhos. O Donato ficou.

Donato era um ótimo carpinteiro. Foi ele que trabalhou a madeira e construiu o cruzeiro para a fundação da Vila de Palmeira d’Oeste.

Passado alguns anos de sua separação ele arrumou uma companheira. Chamava-se Maria. Com ela teve quatro filhos.

Antonio Curaçá, casado com Dona Abadia, era dono de um boteco na esquina em frente onde é hoje a quadra municipal de esportes.

Curaçá tornou-se compadre do Botta ao ser padrinho de batizado de um dos seus filhos. Com a morte de sua esposa Dona Abadia, Curaçá começou a se engraçar com a comadre Maria e “tomou a mulher do compadre” Donato. Donato não gostou nada disso! No auge da sua fúria desferiu vinte e uma facadas na Maria. Incrível, a Maria não morreu!

Naquele tempo quem cometia um ato desses “caia no mundo”, sumia, ia para bem longe para escapar das garras da justiça.

Zé Roveri pegou o amigo Donato e escondeu-o em sua fazenda de Rondonópolis (MT). Por lá seguiu sua vida trabalhando. Construiu a ponte de madeira sobre o rio Jurigue para facilitar o acesso à fazenda do Zé Roveri (antes só tinha uma pinguela). Construiu tulhas, currais etc... Por lá “ajuntou-se” com uma velha senhora e prosseguiu até o final dos seus dias.

Esmeraldo Antonio Ribeiro
2022

Eu e meu saudoso amigo Zé Mésqua fizemos belas caçadas. Eu com minhas cachorras Bicuda e Pirata; ele com seu cachorro Bugre. Aos domingos saíamos cedo para a caçada de veado mateiro. A Bicuda era a que “levantava” a caça; quando ela uivava nós soltávamos a Pirata e o Bugre para fazer a corrida atrás do veado. Isso levava várias horas e muitos quilômetros mato adentro até o animal se cansar e ficar acuado.

Conheci muitos sertões, mas sertão como o daqui eu nunca vi.

Agradecimento

Agradeço a professora Elaine Pomaro pela revisão deste volume III de Palmeira d'Oeste – histórias e causos.

A professora Elaine Pomaro é uma apaixonada por livros desde a sua infância. Sua contribuição foi importantíssima enriquecendo este livro.

Pela primeira vez ao longo desses mais de dez anos de trabalho registrando a História de Palmeira d'Oeste consegui alguém para somar nesta minha labuta.

Pela primeira vez não tive que “bater o escanteio, correr para a área, cabecear e tentar marcar o gol”.

Obrigado professora Elaine Pomaro.



1943

Dona Idalina Geraldine Vicente em sua casa